

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Darli de Fátima Sampaio: O alto preço que as mulheres pagam para ascender no campo profissional

PÁGINA 09 | Maria Elina Estébanez: Igualdade de gênero para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia

PÁGINA 11 | Mirian Goldenberg: Uma mulher que se reinventa e se redescobre

PÁGINA 14 | Adriana Braga: O posicionamento feminino no contexto da cibercultura

PÁGINA 16 | Pedro Paulo de Oliveira: A masculinidade ainda valorizada e assumida

» Especial Fidel Castro

PÁGINA 20 | Hélio Doyle: As mudanças em Cuba “não representam um retorno ao capitalismo”

PÁGINA 23 | Daniel Aarão Reis: “Se existe ainda o socialismo em Cuba, isso é matéria de controvérsia”

PÁGINA 25 | Eric Nepomuceno: Como não perder ou sacrificar as conquistas da revolução? Eis o desafio

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 28 | Luiz Gonzaga Belluzzo: “Nós não temos uma definição exata nem da profundidade nem da extensão da crise”»

» Teologia Pública

PÁGINA 32 | Paulo Soethe: Karl-Josef Kuschel faz 60 anos: teologia em diálogo

» Filme da Semana

PÁGINA 35 | Sangue negro, de Paul Thomas Anderson

» Memória

PÁGINA 37 | Hugo Assmann (1933-2007)

» Invenção

PÁGINA 39 | Cláudia Roquette-Pinto

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 45 | Larry Antônio Wiezniewsky: A ascensão da imagem feminina: um elo para o individualismo?

PÁGINA 48 | Joe Marçal: Da ingenuidade ao cinismo: o Brasil de Sérgio Bianchi

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Marcelo Souza Guimarães



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O alto preço que as mulheres pagam para ascender no campo profissional

Darli de Fátima Sampaio analisa as transformações da mulher no mundo do trabalho e afirma que não há limites para a capacidade criadora, transformadora e de trabalho das mulheres

POR GRAZIELA WOLFART

“ **A**s mulheres se superam cotidianamente no mundo do trabalho com a mesma disposição, garra, perspectivas, com que tocam tudo ao seu redor. São capazes de seguir sempre adiante, sem descuidar dos aspectos, sejam eles estéticos, emocionais, afetivos de todos que estão à sua volta, não se esquecendo delas mesmas. Elas criam resistências domésticas e profissionais, burlam normas. Assumem um papel integrador, unindo o que está separado.” Essa afirmação é de Darli de Fátima Sampaio, pesquisadora do Centro de Pesquisa e Apoio ao Trabalhador (Cepat), de Curitiba-PR, em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a *IHU On-Line*.

Darli é graduada em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Realizou aperfeiçoamento em diversas áreas, tais como orçamento público, história da filosofia e fé e política. É também especialista em Economia Solidária, pela Universidade Federal do Paraná. Em seu mestrado, também realizado na UFPR, produziu a dissertação “Relações de gênero na indústria automotiva: um estudo de caso na Renault Paraná”. Sobre essa pesquisa, concedeu uma entrevista publicada nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos- IHU, em 10-02-2008.



IHU On-Line - Quais são as principais marcas/características que as mulheres carregam hoje no mundo do trabalho, no seu dia-a-dia?

Darli de Fátima Sampaio - Eu diria que a presença da mulher no mundo do trabalho está sendo marcada por um certo estilo de atuação particular. Este estilo está presente não só no que diz respeito ao exercício de liderança, na maturidade com relação à aprendizagem, à destreza, ao cuidado, à minúcia, ao compromisso e responsabilidade profissional, mas também no que diz respeito à sua forma de relacionar-se no trabalho. A mulher dialoga e é mais perceptiva, contribui e investe para obter um bom ambiente de trabalho, na medida em foi treinada para estar sempre mais atenta ao seu entorno e dar conta de várias responsabilidades ao mesmo tempo. Ela percebe as dificuldades e trabalha melhor

com as frustrações presentes. Atua no sentido de resolver as pelezas e conflitos humanos que costumam aparecer em grupos plurais.

Este estilo está ganhando cada vez mais importância num ambiente marcado por um ritmo muito intenso de trabalho e por profissionais altamente estressados. É de grande utilidade funcional. É manipulável e regulável em vista de maiores e melhores resultados corporativos.

Este estilo tem demonstrado um desempenho tão bom que algumas empresas procuram caracterizar as “habilidades” femininas a partir de uma visão essencializada de gênero. Busca-se naturalizá-las enquanto qualidades presentes nas mulheres e não enquanto resultado de um longo treinamento ao qual foram submetidas, desde muito jovens. Com isso, evita-se uma remuneração à altura, signifi-

cando um grande prejuízo em todos os sentidos para a mulher trabalhadora. Portanto, é importante rejeitar essa visão de uma natureza feminina.

IHU On-Line - Nesse sentido, quais são as diferenças entre as mulheres operárias e aquelas que exercem cargos administrativos?

Darli de Fátima Sampaio - Com relação às diferenças entre mulheres da produção e administração, observa-se uma preocupação constante com a qualificação profissional nos dois setores. É a exigência do mercado. Requisito fundamental para a decantada empregabilidade. Mas as diferenças são gritantes e vão desde o desnível salarial até preconceitos estimulados entre trabalhadoras da produção e do setor administrativo. Portanto, não é possível fazer uma análise homogeneizadora sobre as mulheres no mundo do

trabalho, pois há vivências, experiências, histórias, formação, entre outros aspectos, bastante diferenciados. É preciso pensar e repensar sobre esse sentimento de que todas as mulheres são iguais. Das mulheres da produção, espera-se também o cumprimento das metas, porém sem reclamações. Espera-se absoluta concentração, paciência, destreza e toda a espécie de cuidado com relação ao produto e à rotina de trabalho. Cada vez mais é valorizada e estimulada a necessidade de elaboração de propostas e solução para os problemas que surgem no ambiente de trabalho. As mulheres da produção estão confinadas a um pequeno espaço, ao seu posto de trabalho e precisam de autorização para qualquer espécie de ausência. Em algumas empresas, ciclos menstruais, hemorragias e incontinência urinária precisam ser revelados para justificar várias idas ao banheiro. A força física não é uma exclusividade masculina. Na linha de montagem, é preciso ter um padrão físico combatível para suportar a intensidade e as dificuldades no posto de trabalho. Não é necessário ter visibilidade, apenas desempenho, e literalmente “somem” dentro do uniforme de trabalho padronizado e desconfortável.

É no setor administrativo que se concentram mulheres com maior qualificação. Muitas são políglotas, com largas experiências profissionais e bem remuneradas. Os cuidados com a aparência são visíveis e uma exigência da empresa acaba por categorizar a profissional e depondo favoravelmente à empresa. Algumas profissionais desempenham funções de chefia, outras atuam diretamente com o público, levando a imagem da empresa e “aparando” e eliminando tensões estabelecidas, antes que cheguem às instâncias

“A divisão sexual do trabalho, que sobrecarrega a mulher, continua interagindo na produção dos bens e na reprodução da vida e dos valores marcados pela desigualdade dos processos de inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho”

“Não dá para fazer uma análise homogeneizadora sobre as mulheres no mundo do trabalho, pois há vivências, experiências, histórias, formação, entre outros aspectos, bastante diferenciados. É preciso pensar e repensar sobre esse sentimento de que todas as mulheres são iguais”

superiores. São competitivas e cobradas sistematicamente nos desempenhos. O cargo exige dedicação quase exclusiva. Há um reconhecimento que no processo de ascensão profissional, projetos pessoais devem ser deixados de lado. É o preço que muitas pagam ou já pagaram.

IHU On-Line - A mulher, no mercado de trabalho, assume características de postura masculina, ou ela acaba transformando o ambiente com um toque mais feminino, marcando sua presença social e cultural?

Darli de Fátima Sampaio - O mercado de trabalho é marcado pela desigualdade de gênero, por relações assimétricas de poder, entre homens e mulheres, apresentando um perfil predominantemente masculino. E, embora as mulheres tenham conquistado espaços importantes no trabalho, comparativamente é muito mais difícil culturalmente para elas se imporem no trabalho. Esta situação desfavorável está mais associada a uma formação direcionada para o ambiente privado. Sabe-se que, muitas vezes, as mulheres são obrigadas a assumirem posturas tipicamente masculinas, tais como agressividade, firmeza, falar alto, o tal falar “grosso” para simplesmente

serem ouvidas e/ou consideradas. Há carência de reconhecimento e valorização. Esta problemática não está resolvida. Muitas se vêem obrigadas a assumirem posturas masculinas no mundo competitivo do trabalho. E depois, como já disse Alexandra Bocchetti, “um corpo de mulher não assegura um pensamento de mulher”¹, pois este pensamento nasce, somente, segundo essa autora, da consciência das outras mulheres. Este pensamento é produto de relações.

Agora, no mercado de trabalho, as mulheres trazem um diferencial que vem sendo muito aproveitado nas empresas. A divisão sexual do trabalho, que sobrecarrega a mulher, continua interagindo na produção dos bens e na reprodução da vida e dos valores marcados pela desigualdade dos processos de inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho. São obrigadas a dar conta de várias demandas e ainda acrescentar: cor, cheiro, bom gosto, senso estético, organização etc. no seu ambiente de trabalho, além, é claro, de toda a contribuição afetiva que colocam à disposição em seu ambiente profissional, em resumo, o trabalho imaterial.

IHU On-Line - Como entender o aumento do interesse de cada vez mais mulheres na área da tecnologia? Como está a aceitação do massivo público masculino ao receber as “colegas” do sexo oposto?

Darli de Fátima Sampaio - Uma discussão interessante é aquela que aborda o conceito de tecnologia do ponto de

¹ Bocchetti, A. apud *Mulheres no comando*. Além do Cairo e Beijing: fortalecendo as ONGs na América Latina. Vol. V, Brasília s/c, 1999, p. 31. (Nota da entrevistada)

vista sócio-antropológico. Um processo conectado na realidade social, que o cria e o transforma. Que vai além dos artefatos que caracterizam a vida moderna ou que aumentam a produtividade das empresas. A tecnologia é um fenômeno que faz parte da vida social. Historicamente, os seres humanos sempre se organizaram para produzir bens e serviços necessários tanto para a sobrevivência física, como também voltados para as necessidades sociais e culturais. As relações de gênero, fruto de construções culturais, são atualizadas na dinâmica da vida social e representam, segundo estudos, um elemento-chave de compreensão da imbricação da tecnologia com a sociedade.

Estudos realizados nessa área, tradicionalmente constituída como um domínio masculino, mas que vem sendo ocupada por mulheres, tanto com relação aos cursos quanto em relação às profissões que exigem conhecimentos técnicos, mostram que, no processo de socialização e obtenção de habilidades técnica, os padrões de gênero desempenham forte influência na formação dos estudantes. Os meninos são orientados, inicialmente, pelas suas respectivas famílias, para interesses que os aproximam das habilidades técnicas. Eles são estimulados à curiosidade e à investigação, ao passo que, com relação às meninas, ocorre exatamente o contrário, na medida em que são desestimuladas e distanciadas dessa área, sendo motivadas para interesses ligados ao cuidado (casa, bonecas etc.). O resultado é que os meninos, em se tratando da área técnica, sempre se superestimam e as meninas se subestimam. Talvez isso explique um pouco da predominância masculina em setores altamente técnicos, como o da automotiva, por exemplo, no qual é preciso ter habilidade para manusear vários equipamentos eletrônicos. É uma área bastante robotizada.

Mas hoje estamos também envolvidos e dependentes de toda sorte de parafênalia eletrônica com a qual, com maior ou menor intensidade, somos obrigados a conviver. E as mulheres têm gradativamente se arriscado nessa área em franco crescimento e também atraente do ponto de vista financeiro.

As estudantes que conseguiram quebrar antigos paradigmas e entraram para áreas técnicas, segundo estudos, têm apresentado um bom desempenho, quando não superior ao desempenho dos estudantes masculinos. Mas, com relação à convivência,

“É preciso lutar por reconhecimento e valorização profissional, por equiparação salarial, por modificações na legislação, obtenção de vitórias jurídicas, direitos no campo da saúde, pelo fim da violência contra as mulheres em todas as dimensões da vida humana”

sabe-se que se trata de uma área que mantém conceitos binários de gênero. O público masculino julga que as mulheres são mais disciplinadas, estudiosas e aplicadas, mas com habilidades diferenciadas, voltadas para o senso estético, mais emotivas, sentimentais, sensíveis, delicadas, enfim, com menos visão lógica e menos aptas para programações etc. Visões essencializadas.

Segundo apontam alguns estudos, para que haja uma verdadeira mudança na direção da equidade de gênero, é necessário mudar também o processo de socialização de meninos e meninas para que ambos cheguem aos cursos técnicos com as mesmas habilidades e oportunidades. Já então teremos um franco crescimento do número de mulheres nessa área.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios que as mulheres ainda têm pela frente? Em que elas podem contribuir para melhorar o mundo do trabalho e a sociedade em que vivem?

Darli de Fátima Sampaio - São vários os desafios e de toda ordem, envolvendo discriminação social, racial ou de gênero. É preciso lutar por reconhecimento e valorização profissional, por equiparação salarial, por modificações na legislação, obtenção de vitórias jurídicas, direitos no campo da saúde, pelo fim da violência contra as mulheres em todas as dimensões da vida humana. Enfim, temos muito que andar nesse campo de gênero em constante transformação. As mulheres estão exercendo um papel determinante nesse campo da transformação cultural. O feminismo foi capaz de conduzir lutas importantes e garantir direitos fundamentais e de transformar a situação e a consciência das mulheres. Mas hoje elas estão dando grande importância aos problemas que mexem com a vida pessoal, com as relações interpessoais, com a sexualidade, com a vida no sentido amplo, enfim com os problemas culturais, bem apontados por Alain Touraine², no livro *O mundo das mulheres*³. Há uma preocupação com a construção de um novo modelo de cultura que pode ser vivido por todos, homens e mulheres, que elimine essa oposição entre os sexos, criado pela ordem masculina, que prejudicou terrivelmente a mulher, mas também a todos. E, nesse sentido, está colocada a preocupação e a necessidade de recomposição do mundo, superando-se os dualismos históricos e atuando no sentido do estabelecimento de uma aliança que garanta a nossa existência social, especialmente sem opressões de gênero. Que possamos compreender as mudanças que estão ocorrendo, em todos os aspectos, e nos renovar e se sensibilizar, preparando-nos para os riscos e desilusões que elas podem

² Alain Touraine: sociólogo francês, autor do livro *Le Monde des Femmes* (Paris: Fayard, 2006). Confira uma entrevista exclusiva concedida por ele à revista *IHU On-Line* na 210ª edição, de 05-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Em português a obra está publicada sob o título *O mundo das mulheres* (Petrópolis: Vozes, 2006) (Nota da *IHU On-Line*)

“Para as mulheres, há ainda uma carga maior, que é a divisão sexual do trabalho não resolvida e que pesa sobre seus ombros. A presença de mulheres no mercado de trabalho já forçou pequenas mudanças no ambiente doméstico, mas não alterou a relação de poder”

gerar, mas também para compreender a potencialidade que uma mudança supõe.

IHU On-Line - O que sua pesquisa com as mulheres de uma fábrica automotiva mais lhe ensinou em relação ao avanço das mulheres no trabalho e na sociedade?

Darli de Fátima Sampaio - Primeiro, como são fortes e terríveis os limites que se impõem às mulheres em benefício da continuidade do poder masculino como, por exemplo, a transferência para a fábrica da dinâmica da divisão sexual do trabalho, que oprime e exaure a mulher. Mas, positivamente, também se evidencia cada vez mais que não há limites para a capacidade criadora, transformadora e de trabalho das mulheres. Elas se superam cotidianamente no mundo do trabalho com a mesma disposição, garra, perspectivas, com que tocam tudo ao seu redor. São capazes de seguir sempre adiante, sem descuidar dos aspectos, sejam eles estéticos, emocionais, afetivos de todos que estão à sua volta, não se esquecendo delas mesmas. Elas criam resistências domésticas e profissionais, burlam normas. Assumem um papel integrador, unindo o que está separado. Se a dominação masculina foi abalada pela ação das feministas, a ação das mulheres no mundo do trabalho poderá ser capaz de fazer prevalecer outros tipos de relacionamentos, resistências e alterações no seu ambiente de trabalho. Os avanços com o trabalho feminino são tão significativos que as empresas, no caso das automotivas, não podem mais se dar ao luxo de desperdiçar esse potencial humano e muitas revelaram o objeti-

vo de ampliar as contratações de mulheres. A qualificação profissional da mulher, aliada a um estilo diferente de trabalhar e de se relacionar, é avaliada como positiva e principalmente lucrativa no esquema organizacional das empresas.

IHU On-Line - A mulher sabe lidar melhor com o “fantasma” do desemprego? Como a simbologia do medo e dos obstáculos aparece para homens e mulheres?

Darli de Fátima Sampaio - Simbolicamente, o desemprego é terrível para homens e mulheres. Trata-se do sustento, do “ganha-pão”. No entanto, os seus efeitos são mais danosos entre os homens, lançados numa situação de insegurança tremenda numa sociedade com uma cultura do trabalho que se ancora na empregabilidade. Existe a questão cultural, que faz com que a grande maioria dos trabalhadores masculinos entenda que o seu trabalho é o principal para a manutenção da família. Mesmo que a mulher continue trabalhando e ganhe até mais, a sua renda é entendida como uma renda complementar ao orçamento familiar. Para os homens, estar desempregado representa o inferno, fonte de tensões e de desorganização. Provoca danos emocionais profundos, baixa estima e marginalização. As mulheres que conhecem esses “efeitos” ou sintomas historicamente acabam tendo uma postura diferenciada, mais propositiva frente ao desemprego. Elas se ocupam com o cuidado dos filhos e das tarefas domésticas. E vão à luta. Não ficam de braços cruzados, imobilizadas, abatidas. Buscam alternativas. Mas tanto os trabalhadores masculinos como os

femininos têm plena consciência dos desafios colocados para a empregabilidade na complexa sociedade de hoje, que vão desde a falta de habilidade e qualificação necessárias - não ter a escolaridade necessária -, até outros tantos, como a ausência de faixa etária exigida pelo mercado. Além disso, faltam também recursos para que se possa abrir um negócio próprio, numa possível alternativa de sobrevivência.

IHU On-Line - O que muda no imaginário e nas expectativas e sonhos das mulheres do século XXI, que muitas vezes se dedicam tanto ao trabalho e são obrigadas a abdicar de outras instâncias na vida que eram igualmente importantes?

Darli de Fátima Sampaio - Influi na própria percepção de mundo. O mercado de trabalho altamente competitivo e excludente submete os trabalhadores a uma intensidade de trabalho absurda e potencialmente estressante. Para as mulheres, há ainda uma carga maior, que é a divisão sexual do trabalho não resolvida e que pesa sobre seus ombros. A presença de mulheres no mercado de trabalho já forçou pequenas mudanças no ambiente doméstico, mas não alterou a relação de poder. Trata-se de contribuições pontuais recebidas e não de tarefas igualmente distribuídas. Então, conciliar de forma humanamente satisfatória casa, marido, filhos, espaços pessoais, lúdicos, é desgastante para as mulheres e muitas optam por adiar ou mesmo colocar num segundo plano expectativas e sonhos pessoais. As mulheres que ascendem no campo profissional têm consciência do preço que pagam. E ele é alto.

Igualdade de gênero para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia

Para a pesquisadora argentina Maria Elina Estébanez, ainda não se avançou tão claramente no acionar político e na definição de políticas específicas para o sucesso da equidade de gênero

POR GRAZIELA WOLFART

“**A** igualdade de gênero é, em si mesma, um objetivo de desenvolvimento social e uma via muito eficaz para enfocar o sistema científico e tecnológico para a atenção dos problemas que afetam a sociedade”, afirma Maria Elina Estébanez, pesquisadora e coordenadora do Centro de Estudos sobre Ciência, Desenvolvimento e Educação Superior, de Buenos Aires, Argentina. Pós-graduada em Sociologia e especialista em Sociologia e Ciência, e Ciência e Tecnologia, a argentina é também professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia Inovação Organizacional, da Universidade Nacional de General Sarmiento. A seguir, na íntegra, a entrevista concedida pela pesquisadora, por e-mail, à *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Qual a situação da mulher no campo da ciência hoje?

Maria Elina Estébanez - Se observarmos o que tem ocorrido nas últimas décadas, a situação da mulher em escala mundial tem evoluído favoravelmente no acesso à educação superior e no mundo laboral da ciência e da tecnologia. Sua presença é cada vez mais relevante nos estudos universitários de graduação e pós-graduação e entre os grupos de pesquisadores e bolsistas de diferentes países.

Mas, se estes dados indicam uma situação favorável para o equilíbrio de gênero na atividade científica, existem dois focos de desigualdade que afetam a grande potencialidade da presença feminina. Em primeiro lugar, existem “vieses” disciplinares: na pesquisa em ciências exatas e de engenharias predominam os homens, e nas ciências sociais, humanas e da saúde, predominam as mulheres. Este fenômeno mostra tanto a existência de diferentes vocações profissionais quanto a masculinização e a feminilização da produção de conhecimento em determinados te-

mas, o que afeta a orientação do trabalho científico, a escolha de temas e a produção de resultados, que logo se voltarão à sociedade. A persistência de estereótipos culturais, durante os processos de socialização e educação, incidem nas preferências lúdicas de meninos e meninas e, posteriormente, nas escolhas de estudo durante a adolescência. Estes fenômenos persistem durante as etapas mais avançadas de socialização secundária, segmentando as preferências profissionais.

Quanto maior a hierarquia do posto de trabalho, menor é a presença feminina

Em segundo lugar, existem importantes barreiras para o acesso de mulheres a postos de maior decisão ou maiores ingressos dentro do campo laboral da ciência e da tecnologia, mesmo naqueles campos do conhecimento “feminilizados”. Quanto maior a hierarquia do posto de trabalho, menor é a presença feminina. A possibilidade de ter acesso a instâncias de poder e de tomada de decisões tem estado histo-

ricamente restringida para as mulheres e, nesse sentido, o âmbito científico e tecnológico não constitui uma exceção à regra. Se bem que é certo que durante o século XX se produziu um importante avanço em matéria de abertura para as mulheres por parte de muitas instituições, por exemplo, as universidades. Então, a situação se torna um tanto diferente ao analisarmos as posições que estas ocupam dentro de tais instituições e, mais ainda, ao analisar outros âmbitos institucionais. Existem padrões culturais muito arraigados nos ambientes educativos e laborais, que associam determinadas características da “masculinidade” (como a competitividade, a força, a racionalidade, a objetividade) a um exercício mais eficaz de poder. A partir disso, se torna muito comum escutar que os homens são mais aptos para ocupar cargos desta natureza. Estes estereótipos incidem na escolha das pessoas que integrarão posições estratégicas na ciência, como a direção de institutos, a integração de comitês avaliadores ou as reitorias universitárias.

“Existem padrões

culturais muito arraigados nos ambientes educativos e laborais, que associam determinadas características da ‘masculinidade’ (como a competitividade, a força, a racionalidade, a objetividade) a um exercício mais eficaz de poder. A partir disso, se torna muito comum escutar que os homens são mais aptos para ocupar cargos desta natureza”

A ascensão na carreira profissional científica implica no acesso a categorias de maior prestígio e reconhecimento científico e acadêmico. Esta ascensão depende dos resultados de uma avaliação realizada por um comitê específico, o qual parece estar composto majoritariamente por homens. Nesta instância, podem operar diversos mecanismos de exclusão, como por exemplo, respeito à valorização de certas atitudes e a avaliação que se realiza da produtividade científica e sua associação com os ciclos vitais e situações familiares. O trânsito pela experiência da maternidade ou paternidade não tem a mesma repercussão em mulheres e homens, o que pode incidir em sua produtividade, embora não necessariamente na qualidade dos trabalhos que publicam. Também pode incidir em sua mobilidade internacional e na disponibilidade estendida de tempo laboral. Todos estes fatores são considerados positivamente no momento de avaliar seu desempenho profissional.

IHU On-Line - Os estudos e pesquisas na academia sobre esse tema estão aumentando?

Maria Elina Estébanez - Um balanço preliminar sobre o aporte dos estudos sobre ciência e gênero mostra um importante acúmulo de conhecimento e evidências sobre os problemas para um sucesso na equidade de gênero, e uma importante representação desta

problemática na reflexão acadêmica de distintas regiões do mundo. Assim mesmo, a questão tem tido repercussão em ofícios, cartas e recomendações de organismos internacionais. No entanto, ainda não se avançou tão claramente no acionar político e na definição de políticas específicas para o sucesso da equidade de gênero, particularmente no que se refere à região latino-americana. Medidas elementares, como uma generalização da desagregação do sexo nas estatísticas nacionais vinculadas à educação superior, à ciência e à tecnologia, ainda tem escassa aceitação.

IHU On-Line - O que a ciência, a tecnologia e o mercado de trabalho, em geral, ganham com a presença feminina?

Maria Elina Estébanez - A igualdade de gênero é, em si mesma, um objetivo de desenvolvimento social e uma via muito eficaz para enfocar o sistema científico e tecnológico para a atenção dos problemas que afetam a sociedade. O acesso a uma situação igualitária de gênero na ciência e na tecnologia é um sucesso ético que reafirma o valor da igualdade de direitos para homens e mulheres no desenvolvimento de seus interesses e atitudes. Por outro lado, a sociedade se enriquece com a participação igualitária dos sexos, com a diversidade de seus olhares e seus modos de produzir conhecimento. A partir desta perspectiva, a equidade de gênero é uma estratégia apropriada

para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia.

IHU On-Line - O olhar feminino sobre o mundo pode instigar descobrimentos revolucionários nas áreas da ciência e da tecnologia por parte das mulheres?

Maria Elina Estébanez - Com certeza. Para descobrir o mundo e sua diversidade são necessários “olhares diversos”, o feminino e o masculino, o branco e o negro, e muitas outras diversidades que atravessam bandeiras, sociedades e culturas. Historicamente, têm predominado somente algumas perspectivas e outras têm estado subordinadas e menosprezadas, apresentando tanto um problema ético como epistemológico. Com isso, se têm desperdiçado capacidades para a ciência e a tecnologia.

IHU On-Line - Qual é a especificidade da mulher latino-americana com relação à ciência, à tecnologia e ao trabalho?

Maria Elina Estébanez - Percebe-se uma tendência positiva no crescimento de sua participação. Por exemplo, a presença das mulheres nos estudos universitários tem passado nas últimas décadas de uma participação menor de 10% para 30, 40 ou 50%, conforme alguns países. Também se observa um aumento em sua participação nas atividades científicas e tecnológicas, mas com um posto um pouco mais baixo, sobretudo no exercício de disciplinas de base tecnológica ou físico-matemática. Como ocorre em outras regiões, também aqui se produzem processos de segmentação, particularmente os que obedecem a fatores “disciplinares” (como a masculinização ou a feminilização de determinados campos do conhecimento) e os que se relacionam com a estratificação vertical (como o acesso aos postos de poder). Como especificidade, encontramos na região a associação destas modalidades de exclusão com outras, como a exclusão étnica. Por exemplo, em países com população afrodescendente, é duplamente difícil para a mulher desta origem ascender aos estudos superiores e à carreira científica. Isto também se observa em países centro-americanos multi-étnicos.

Uma mulher que se reinventa e se redescobre

A antropóloga Mirian Goldenberg analisa as transformações nos modelos familiares e aponta que as tendências indicam o fim da família e do casamento como os conhecemos até agora

POR ALESSANDRA BARROS E GRAZIELA WOLFART

Mirian Goldenberg é antropóloga e professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, ela afirma que, “em pouco mais de três décadas, assistimos a uma enorme transformação do corpo carioca: do exercício do prazer à busca da perfeição estética, da liberdade à submissão aos modelos, do erotismo à falta de desejo”. Goldenberg é doutora em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de *Toda mulher é meio Leila Diniz* (Rio de Janeiro: Record, 1966); *A outra* (Rio de Janeiro: Revan, 1990); *A arte de pesquisar* (4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000); *Nu & Vestido* (Rio de Janeiro: Record, 2002); *De perto ninguém é normal* (Rio de Janeiro: Record, 2004); *Infiel: notas de uma antropóloga* (Rio de Janeiro: Record, 2006); e *O corpo como capital* (Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores, 2007). Seu site pessoal é www.miriangoldenberg.com.br.



IHU On-Line - Na obra *Novos desejos, a senhora traz o tema “De Amélias à operárias”, em que expõe os conflitos de mulheres economicamente ativas, tanto nas relações conjugais como na família. Em que fase está esse debate?* Mirian Goldenberg - Acredito que o que está ocorrendo, no Brasil, é, na verdade, a multiplicidade e flexibilidade dos atuais arranjos conjugais. Assim, o que está em crise é um determinado modelo de família e de casamento. Como o modelo hegemônico permanece como um valor enraizado em cada um, fortalecido pela socialização e educação e pela Igreja, muitos dos que vivem outras formas de relacionamento conjugal sentem-se, ainda hoje, desviantes. A pluralidade de formas de casamentos e famílias existentes em nossa cultura demonstra que homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias, sem, no entanto, reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade.

A crise dos modelos de família

Portanto, ao falar de família e de casamento, o plural impõe-se. Já não há um único modelo, mas vários. O divórcio, a união livre, as recomposições familiares abalam o que se chamava, até há pouco tempo, de “modelo de família ocidental”. Este modelo será ainda mais abalado com as novas técnicas de procriação. A doação de óvulos, a fecundação por inseminação artificial ou *in vitro*, a possibilidade de clonagem de seres humanos, levam a que se ponha em causa os princípios fundamentais sobre os quais se assenta o nosso sistema de parentesco: sexualidade e parentesco são dissociados, paternidades e maternidades são multiplicadas (genética e socialmente), o nascimento de um filho não provém necessariamente de um casal.

Dois fenômenos recentes enfraqueceram a força da união permanente na família brasileira. O primeiro é a intensificação da vida erótica do casal,

uma vez que o apego sexual é notoriamente instável e os casais que se apóiam em tal base sujeitam-se a ser facilmente fragmentados. Na medida em que a gratificação erótica se torna um elemento essencial na existência do casal, o risco de dissolução matrimonial aumenta. O segundo, as mulheres tornaram-se mais independentes economicamente e podem romper com uniões indesejadas. As mulheres independentes economicamente têm consideravelmente mais poder - e um maior sentido de autonomia pessoal - do que as que não são. Com a capacidade das mulheres se sustentarem veio a capacidade de serem livres. Na inexistência de novos modelos estáveis, o estabelecimento de padrões de divisão do trabalho na família fica na dependência do confronto interpessoal entre os cônjuges. Como se valorizam e se exigem, simultaneamente, o apoio emocional e o prazer sexual recíprocos, a relação conjugal recebe

uma sobrecarga de exigências. A impossibilidade de satisfazer todas as condições colocadas como necessárias à manutenção da parceria conjugal igualitária encontra solução na crescente aceitação social do divórcio, que acarreta a fragmentação da família original e a constituição de outra, através de novo casamento.

Essas tendências colocam em xeque a estrutura e os valores da família e do casamento tradicionais. Não se trata do fim da família ou do casamento, uma vez que outras estruturas estão sendo testadas e poderemos, no fim, reconstruir a maneira como vivemos uns com os outros, como procriamos e como educamos de formas diferentes e, quem sabe, talvez melhores. Mas as tendências indicam o fim da família e do casamento como os conhecemos até agora. Não apenas a família nuclear, mas a família baseada no domínio patriarcal, que tem predominado há séculos. Assim, não existe uma crise de família, mas uma crise da família patriarcal. Não é o fim da família, mas o surgimento de uma família nova e mais complexa, em que papéis, regras e responsabilidades não serão garantidos pela autoridade patriarcal e terão que ser permanentemente negociados. Isso inclui a necessidade de dividir o trabalho doméstico, parceria econômica e responsabilidade pelos filhos compartilhada. A dificuldade em ter de lidar com todos esses papéis ao mesmo tempo, quando não mais se encontram fixados em uma estrutura formal institucionalizada como a família patriarcal, explica a dificuldade em manter-se relacionamentos sociais estáveis.

IHU On-Line - Em comparação com as mulheres européias, a mulher brasileira tem muito a alcançar?

Mirian Goldenberg - Em minha observação comparativa de dois universos (Alemanha e Brasil), as mulheres alemãs me pareceram muito mais confortáveis com o seu envelhecimento

“Numa cultura, como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas”

do que as brasileiras. Observei mulheres que pareciam muito poderosas na Alemanha, objetivamente (em suas profissões e relações conjugais), mas, também, subjetivamente. No Brasil, tenho observado um abismo enorme entre o poder objetivo das mulheres pesquisadas, o poder real que elas conquistaram em diferentes domínios (sucesso, dinheiro, prestígio, reconhecimento, e, até mesmo, a boa forma física) e a miséria subjetiva que aparece em seus discursos (decadência do corpo, gordura, flacidez, insônia, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria). Observando a aparência das alemãs e das brasileiras, as últimas parecem muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que elas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. Elas constroem seus discursos enfatizando as faltas que sentem, e não suas conquistas objetivas.

No entanto, a frase, “hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida” foi repetida por algumas das brasileiras pesquisadas que percebem o envelhecimento como uma re-descoberta, altamente valorizada, de um “eu” que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente no investimento feito no papel de esposa e de mãe. As idéias

de re-encontrar-se, re-inventar-se, re-descobrir-se apareceu muito nos grupos de discussão, sempre associadas ao fato de fazerem, hoje, as coisas que mais gostam: conversar com as amigas, sair sozinha, ter tempo para si mesma, viajar, ler, estudar, ou, até mesmo, encontrar um novo prazer com o marido assumindo mais os próprios desejos, e não buscando agradá-lo.

É interessante observar que tanto no discurso de vitimização quanto no de libertação, dois foram os eixos centrais das pesquisadas: o corpo e a relação conjugal, mais especialmente o casamento de cada uma delas. O corpo foi tanto objeto de extremo sofrimento (em função de suas doenças ou decadência) ou de extremo prazer (em função da maior aceitação e cuidado com ele). Os parceiros amorosos foram, também, objeto de extrema dor (alcoolismo, machismo, violência, autoritarismo, egoísmo, abandono, rejeição, faltas) ou de extremo prazer (companheirismo, prazer sexual, cumplicidade). Numa cultura, como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital). Em uma cultura, como a alemã, em que os capitais mais valorizados são outros, como o profissional, o científico e o cultural, o envelhecimento parece ser vivido como um momento de ganhos.

IHU On-Line - Quem é a mulher de hoje? Quais são as suas conquistas e os seus desafios?

Mirian Goldenberg - Acho que o grande desafio é ser “meio Leila Diniz”. Muitas brasileiras já são, muitas estão longe de ser. Quando, em 1971, Leila Diniz exibiu sua barriga grávida de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda. Foi capa de revistas e manchete de jornais por ter sido a primeira mulher a não esconder

“O direito da licença-maternidade deve ser visto como direito da criança e não da mulher”

sua barriga em roupas soltas e escuras, consideradas mais adequadas a uma grávida. Não só engravidou sem ser casada como exibiu uma imagem concorrente à grávida tradicional que escondia sua barriga. A barriga grávida materializou, objetivou, corporificou seus comportamentos sexuais transgressores. Ícone das décadas de 1960 e 1970, Leila Diniz permanece, até hoje, como símbolo da mulher carioca, que encarna, melhor do que ninguém, o espírito da cidade: corpo seminu, sedução, prazer, liberdade, sexualidade, alegria, espontaneidade. Leila Diniz encarna a imagem de uma jovem livre e feliz: sua maneira de exibir o corpo; seu uso da linguagem; sua conduta sexual; e suas escolhas de amigos e parceiros amorosos estão inteiramente presentes em sua ética e estética de vida. Percebe-se nitidamente, em Leila, uma postura de transgressão simbólica, estilo que encerra a afirmação de uma contralegitimidade, por exemplo, pela intenção de dessacralização dos valores da moral e da estética dominantes, através de um comportamento sexual livre, de uma linguagem irreverente e sem censuras, da imposição de novos padrões estéticos e ruptura de tabus sociais (como a exibição da barriga grávida de biquíni), antítese quase perfeita do moralismo de determinados grupos que exigiam, nos anos 1960, um comportamento feminino sério e regrado.

Nem toda mulher é “meio Leila Diniz”...

O corpo de Leila Diniz (e de muitas mulheres de sua geração) era um corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exibia sua beleza e plenitude à luz do sol. O corpo de muitas mulheres de hoje, como constatei na pesquisa realizada com indivíduos das camadas médias

urbanas cariocas, é um corpo controlado, mutilado, que prefere a escuridão para esconder suas imperfeições. Em pouco mais de três décadas, assistimos a uma enorme transformação do corpo carioca: do exercício do prazer à busca da perfeição estética, da liberdade à submissão aos modelos, do erotismo à falta de desejo. Concluo, então, com a constatação de que, no Brasil do século XXI, estamos muito longe de poder afirmar que “toda mulher é meio Leila Diniz”.

IHU On-Line - A guerra entre os sexos foi intensificada com a libertação feminina. De um lado as mulheres reclamam da falta de homens e de outro os homens sentem-se pressionados pelas crescentes exigências femininas. O que a senhora destaca sobre essa discussão de lutas entre os gêneros?

Mirian Goldenberg - Para mim, a questão central na discussão sobre a igualdade de gêneros se refere ao papel masculino no domínio doméstico, especialmente com relação à paternidade. A Comissão de Direitos Humanos do Senado aprovou, por unanimidade, o projeto que aumenta de quatro para seis meses o período da licença-maternidade. A autora do projeto, senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), comemorou dizendo: “Está na hora de respeitar a mulher brasileira e as crianças”. Aplaudimos veementemente a aprovação do projeto, o reconhecimento e a valorização da maternidade. Mas perguntamos: não está também na hora de respeitar o homem brasileiro, ou melhor, a paternidade? Aparentemente não, pois a mesma senadora propõe um projeto para aumentar a licença-paternidade de cinco para 15 dias, com o objetivo de que os pais possam “ajudar” as mães nos primeiros dias de vida do bebê.

Homens mais ativos na criação dos filhos

Para ilustrar com uma realidade oposta, na Suécia, a licença de mais de um ano para cuidar do recém-nascido é para ambos os pais. O casal pode decidir quem ficará sem trabalhar para cuidar do bebê: o pai ou a mãe. A proposta visa estimular os homens a assumir um papel ativo na criação dos filhos e propiciar uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas.

Todos sabem que os meses iniciais são fundamentais para assegurar a adaptação do bebê ao mundo, o que significa que cuidar de um recém-nascido é muito mais do que apenas garantir o aleitamento materno. Esse tempo é necessário para estabelecer o vínculo afetivo com a criança, indispensável para o seu desenvolvimento emocional e social.

Cinco (ou 15) dias são suficientes para que o pai participe da formação emocional e social da criança, enquanto a mãe deve dedicar seis meses exclusivamente a essa tarefa? É possível pensar em uma efetiva igualdade entre os sexos quando a mulher detém, quase exclusivamente, o direito e o dever de cuidar dos filhos? Esse cuidado não pode (e deve) ser igualmente compartilhado pelos homens?

É verdade que muitos homens recusam ou duvidam da própria competência para o exercício da paternidade. Contudo, é fácil constatar, inclusive com a notável discrepância entre os dois projetos, que aqueles que querem exercer plenamente a paternidade estão impedidos de cuidar de seus filhos, já que as mulheres são percebidas como as legítimas detentoras do saber e do poder nesse âmbito. Elas são consideradas as únicas realmente necessárias no momento inicial de vida, cabendo ao pai, quando muito, a função de “ajudar” a mãe.

Pais coadjuvantes e mães estrelas?

Limitados a um papel secundário ou terciário (quando o bebê é cuidado pela avó, babá ou empregada doméstica), são ainda acusados de imaturos, ausentes, irresponsáveis, incompetentes e inadequados como pais. Muitas mulheres vivem a maternidade como um poder que não querem comparti-

“A pluralidade de formas de casamentos e famílias existentes em nossa cultura demonstra que homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias, sem, no entanto, reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade”

lhar e percebem os homens como meros coadjuvantes - ou até mesmo figurantes - em um palco em que a principal estrela é a mãe.

Não é possível questionar a suposta superioridade feminina no domínio privado sem enfrentar uma forte reação das mulheres, inclusive de muitas que lutam pela completa igualdade entre os gêneros. Mas não seria exatamente nesse terreno, completamente dominado pelas mulheres, que se enraizaria a mais profunda desigualdade entre os sexos?

É muito difícil transformar uma realidade social quando ela é vista como da ordem da natureza; natureza que é usada para justificar o papel privilegiado da mãe e para marginalizar ou excluir o pai dos cuidados com o recém-nascido. No entanto, não existe absolutamente nada na “natureza” masculina que impeça um pai de cuidar, alimentar, acariciar, acalentar e proteger seu bebê, assim como não há uma “natureza” feminina que dê à mãe a autoridade de se afirmar como a única capaz de cuidar do recém-nascido. Os cinco (ou 15) dias de licença-paternidade e os seis meses de licença-maternidade revelam a enorme desigualdade de gênero em nosso país.

Consolida-se, com esse abismo, o monopólio feminino dos prazeres, encargos e sacrifícios com os filhos. Reforça-se, também, a falta de respeito e de reconhecimento da importância do exercício da função paterna. Sem desmerecer a conquista das mulheres, muito pelo contrário, é mais do que necessário denunciar a injustiça e a discriminação que sofrem aqueles que querem exercer plenamente a paternidade.

Se as crianças de hoje aprenderem que o pai e a mãe podem ser igualmente disponíveis, atenciosos, responsáveis, protetores, presentes e amorosos, é possível que, em um futuro próximo, tenhamos uma verdadeira igualdade entre homens e mulheres e a crença de que em nenhum domínio (público ou privado) um é superior ou mais necessário do que o outro.

O posicionamento feminino no contexto da cibercultura

Para a pesquisadora Adriana Braga, as mudanças socioculturais conseqüentes do avanço tecnológico são inevitáveis

POR BRUNA QUADROS

“**N**ão acredito que a possibilidade de mudança na representação feminina esteja na tecnologia, mas na cultura que utiliza esta tecnologia para se expressar”, afirma a Prof.^a Dr.^a Adriana Braga, em entrevista concedida, por e-mail, à revista IHU On-Line. Neste sentido, ela também aponta para o conceito de maternidade eletrônica, uma relação de controle sobre os filhos que não implica diretamente em confiança. “Se, por um lado, os aparatos tecnológicos podem auxiliar pais e mães no monitoramento, por outro lado, podem auxiliar filhos e filhas em suas estratégias para burlar este controle”, enfatiza Adriana.

Esta temática será amplamente debatida no dia 06-03-2008, quando Adriana Braga proferirá a palestra *Maternidade Eletrônica: a perspectiva feminina na cibercultura*, que integra o evento **IHU Idéias**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Adriana Braga é doutora em Ciências da Comunicação, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. É autora do livro *Personas Materno-Eletrônicas: uma análise do blog Mothern* (Editora Sulina, 2008). Nas Notícias do Dia 5-10-2006, do sítio do IHU, foi publicada uma nota intitulada “Feminilidade mediada pelo computador”, a qual se refere à tese de Adriana. Para conferir, acesse www.unisinos.br/ihu. Adriana já contribuiu com a edição número 40 dos **Cadernos IHU Idéias**, de 07-10-2005, sob o título *Corpo e agenda na revista feminina*.

IHU On-Line - O aumento das tecnologias na vida cotidiana não sinaliza parar. Quais são as vantagens e desvantagens de permitir que estes meios se insiram cada vez mais nas relações sociais?

Adriana Braga - As mudanças socioculturais conseqüentes do avanço tecnológico são fenômenos que não pedem permissão para ocorrer, ou seja, são inevitáveis. Os avanços são impulsionados pela própria demanda do mercado consumidor. A única maneira de controlar a inserção de uma tecnologia na cultura é através de políticas que regulamentem sua implementação. Uma vez implementada uma tecnologia - seja de comunicação ou outra -, é impossível prever os modos de apropriação e usos pelos diversos grupos ou indivíduos que tiverem acesso a ela. Sendo assim, questões relativas à redistribuição do poder e a grupos que se beneficiam ou prejudicam com a inserção da tecnologia devem ser avaliadas antes da autorização de seu funcionamento. Depois, o fenômeno segue seu curso. Sobre vantagens e desvantagens, somos beneficiários e vítimas desses meios, experimentamos cotidianamente os embaraços de poder encontrados em qualquer parte e a qualquer momento, por

meio do celular ou nos livrarmos de sérios apuros com o mesmo aparelho.

IHU On-Line - O que se pode esperar de uma sociedade cada vez mais tecnológica, especificamente no que diz respeito à imagem feminina?

Adriana Braga - A imagem feminina tem sido representada nas mais diversas sociedades de todos os períodos históricos, em tecnologias também diversas. Não acredito que a possibilidade de mudança na representação feminina esteja na tecnologia, mas na cultura que utiliza esta tecnologia para se expressar. Assim, a solução da exploração da imagem feminina, sob uma perspectiva sexista, é política, e depende de iniciativas igualmente políticas. De certa forma, o YouTube é a pintura rupestre do nosso tempo, um registro imagético da nossa cultura.

IHU On-Line - Mesmo que os homens estejam cada vez mais participativos das tarefas domésticas, são as mulheres que ainda têm este domínio. Entre estes gêneros, há quem seja mais favorecido com o surgimento e ascensão da cibercultura?

Adriana Braga - As mudanças ocorrem na cultura. A tecnologia, no caso da Internet, forneceu um novo ambiente para as trocas sociais, mais um espaço de expressão para a cultura já estabelecida. Por exemplo, ainda são os homens que se destacam no domínio tecnológico, ocupando quantitativa e qualitativamente os lugares promovidos por esta atividade. A Internet participa como um complemento da sociedade, reproduzindo seus problemas.

IHU On-Line - São inúmeras as tecnologias que prometem facilitar a vida em sociedade. No entanto, algumas remetem à idéia de monitoramento, como pagers e telefones celulares. De que forma a cibercultura contribui para que os pais tenham cada vez mais controle sobre os filhos?

Adriana Braga - Tenho dúvidas de que o objetivo dos pais e mães seja controlar cada vez mais os filhos. Se, por um lado, os aparatos tecnológicos podem auxiliar pais e mães no monitoramento, por outro lado, podem auxiliar fi-

lhos e filhas em suas estratégias para burlar este controle. Ou seja, as relações de confiança estabelecidas entre familiares não são determinadas pelo suporte técnico em que ocorrem.

“Não acredito que a possibilidade de mudança na representação feminina esteja na tecnologia, mas na cultura que utiliza esta tecnologia para se expressar”

IHU On-Line - Esse tipo de relação (controle) interfere na privacidade e nos direitos dos filhos? Até que ponto a cibercultura pode ser positiva?

Adriana Braga - Esse tipo de relação não é novidade alguma. Pai e mãe sempre procuraram monitorar os movimentos dos filhos, seja pela troca de informações entre a vizinhança, pela inscrição em colégios internos ou pelos celulares. A cibercultura é um território amplo, que inclui ambientes diferentes. As pessoas usam cada uma dessas estruturas conforme a conveniência de cada situação específica.

IHU On-Line - Diante da cibercultura, a imagem feminina, no papel de mãe, não tende a perder valor?

Adriana Braga - É interessante notar que o ambiente midiático-tecnológico da cibercultura parece oferecer um espaço renovado para a recuperação de uma prática tradicional feminina de troca de saberes entre mulheres, envelhecida nos contextos sociais tradicionais. Enquanto a conversação entre mulheres sobre filhos, vida conjugal e doméstica tem sido desvalorizada socialmente, enquadrada como conversa fútil e desinteressante, nos ambientes sociais da Internet, essa

mesma temática se estabelece sem a conotação pejorativa e, ao contrário, é entendida positivamente, como prática de mulheres modernas pelo engajamento tecnológico.

IHU On-Line - E qual é o reflexo nas crianças que crescem inseridas no contexto da cibercultura?

Adriana Braga - As gerações mais recentes estão cada vez mais familiarizadas com os ambientes proporcionados pela tecnologia de comunicação. Vivemos uma fase de transição, na qual as gerações mais velhas ainda não dominam os códigos da cibercultura, que são corriqueiros para a geração mais jovem. Entretanto, em pouco tempo mesmo os mais velhos estarão aculturados e o domínio dos jovens neste âmbito será relativizado. A influência do contato com a cibercultura na formação de uma criança é e sempre será impossível de discernir ou mensurar. Qualquer característica que a criança apresente será motivada por múltiplos fatores, sendo equivocada uma redução a apenas um deles. Mas uma coisa é certa: como qualquer outra influência a que a criança esteja exposta, a atividade on-line deve ser orientada e acompanhada pelos responsáveis. A mediação familiar no consumo desses meios muitas vezes é mais importante do que o próprio conteúdo.

IHU On-Line - Qual é a contribuição das nanotecnologias para este novo conceito de sociedade que está se moldando, o qual imerge na cibercultura?

Adriana Braga - As nanotecnologias possibilitam levar os aparatos comunicativos no bolso, estendendo e modificando a natureza e os locais de ocorrência das interações comunicativas. As alterações decorrentes configuram o “novo conceito de sociedade”, mas apenas para uma parcela social dominante, conectada às redes sociais de relacionamento da rede. Cabe ressaltar que, mesmo com a queda dos preços dos equipamentos, o acesso a essas tecnologias continua a ser muito restrito, principalmente em países periféricos como o Brasil. Se no mundo há mais de um bilhão de pessoas usuárias destas tecnologias, há quase seis bilhões de excluídos deste grupo privilegiado.

A masculinidade ainda valorizada e assumida

Autor do livro *A construção social da masculinidade*, Pedro Paulo de Oliveira não acredita na crise do homem contemporâneo, mas reconhece a irrelevância dos homens para a concepção de seres humanos

POR GRAZIELA WOLFART

Ao analisar as transformações no mundo do trabalho hoje e as implicações para o universo feminino, o professor Pedro Paulo de Oliveira reconhece: “A posição da mulher na sociedade contemporânea tende a ser cada vez mais aproximada da posição masculina”. No entanto, ele acredita que “não há um tipo único de mulher que emerge desta forma de sociabilidade, ou seja, cada vez mais veremos a possibilidade de se ter agentes femininos de tipos variados”, destacando ainda que “não podemos nunca esquecer que a lógica do social tende a reproduzir um modelo de feminilidade em que a idéia de fragilidade e de objeto no mercado matrimonial continuam a orientar os comportamentos hegemônicos, permitindo que o paradigma da feminilidade centrado em características como a delicadeza, vaidade e emotividade, entre outras, continue a imperar, mesmo que contestado por outros modelos diferentes que não se enquadrarão neste molde”.

Pedro Paulo possui graduação em Ciências Sociais e doutorado em Sociologia, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor de Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autor de *A construção social da masculinidade* (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004). A entrevista a seguir foi realizada por e-mail.

IHU On-Line - Como o senhor define o papel da mulher na sociedade contemporânea hoje? Que tipo de mulher emerge das grandes transformações sociais dos últimos tempos?

Pedro Paulo de Oliveira - A posição da mulher na sociedade contemporânea tende a ser cada vez mais aproximada da posição masculina. Isto porque as atividades laborais, por exemplo, cada vez menos requerem especificidades vinculadas ao sexo biológico e podemos perceber uma crescente inserção de mulheres em atividades antes destinadas apenas aos homens. Um problema é o fato, já constatado, de que agora, além de produtivas no mercado de trabalho, elas continuam a exercer boa parte das funções domésticas, o que algumas feministas chamam de dupla jornada. Não há um tipo único de mulher que emerge desta forma de

“O modelo de família adotado como ideal é aquele que apenas os setores de classe média podem sustentar”

sociabilidade, ou seja, cada vez mais veremos a possibilidade de se ter agentes femininos de tipos variados. No entanto, não podemos nunca esquecer que a lógica do social tende a reproduzir um modelo de feminilidade em que a idéia de fragilidade e de objeto no mercado matrimonial continuam a orientar os comportamentos hegemônicos, permitindo que o paradigma da feminilidade, centrado em caracte-

rísticas como a delicadeza, vaidade e emotividade, entre outras, continue a imperar, mesmo que contestado por outros modelos diferentes que não se enquadrarão neste molde.

IHU On-Line - Como o homem se sente e se posiciona em relação a uma possível crise da masculinidade e do patriarcado em função das mudanças nas atitudes das mulheres contemporâneas, principalmente no mercado de trabalho?

Pedro Paulo de Oliveira - A idéia de crise da masculinidade é, na minha opinião, uma bobagem. Os homens, ou pelo menos a maior parte deles, não estão em crise. Basta ouvir a letra de alguns funks, por exemplo, para se perceber como alguns jovens se enxergam frente às mulheres. Recentemente, trabalhei numa pesquisa com

“A idéia de crise da masculinidade é, na minha opinião, uma bobagem. Os homens, ou pelo menos a maior parte deles, não estão em crise. Basta ouvir a letra de alguns funks, por exemplo, para se perceber como alguns jovens se enxergam frente às mulheres”

jovens favelados e pude perceber que a masculinidade centrada em características típicas do machismo é ainda extremamente valorizada e assumida sem nenhum problema. A idéia de crise da masculinidade ficou vinculada principalmente a alguns autores, não raro aqueles formados nas diversas disciplinas “psi”, que recortam os dilemas de alguns homens de classe média, muitos dos quais freqüentadores de divãs de psicanálise, como sendo típica da masculinidade contemporânea. Tal crise só pôde ser ventilada porque a mídia, impressa e eletrônica, adora esse tipo de abordagem em que se destaca a idéia de que há um novo homem, de que o antigo está ultrapassado etc., com o beneplácito da indústria da moda, de cosméticos e do *fitness*. O fato novo é que hoje em dia muitas mulheres já não dependem economicamente dos homens. Isto gera uma mudança na assimétrica relação entre homens e mulheres, desfavorecendo os primeiros. Dessa forma, a hegemonia masculina, que se centrava, entre outras coisas, no mandato social da provisão familiar, perde parte de sua legitimidade. Por outro lado, voltando aos jovens, percebemos que as meninas estão cada vez menos dispostas a serem meras presas nas interações amorosas, o que gera um tipo de “desregulação interacional”, pois agora os meninos precisam lidar também com o fato de que são abordados e de que não são os únicos predadores neste regime interacional. Mas isso é apenas parte de todo um conjunto de mudanças que têm ritmos diferenciados, dependendo de variáveis, como faixa etária, posição econômica e social, origem geográfica, adesão religiosa, entre muitas outras.

IHU On-Line - Recentemente, a ciência levantou a hipótese de as mulheres gerarem os filhos sozinhas, o que as concederia total autonomia nas relações conjugais. Como o senhor avalia esta questão?

Pedro Paulo de Oliveira - Vejo de forma bastante positiva, pois muitas das prescrições sociais e modelos de comportamentos de gênero baseiam-se na falaciosa idéia de que as diferenças anatômicas e biológicas são a base natural para as assimetrias de gênero. Com o advento destas técnicas de reprodução biológica, ficará explícito o fato de que os comportamentos de gênero estão baseados, em última análise, em idiosincrasias socioculturais. Para as mulheres, isto é bastante positivo, pois explicita a irrelevância dos homens para a concepção de seres humanos, o que deve fazer a balança do poder pender um pouco mais para elas (espero), que viveram e ainda vivem subjugadas por uma injustificada, do ponto de vista ético, hegemonia de valores simbólicos masculinos.

IHU On-Line - Em que elementos o senhor se baseia para falar sobre a construção social da masculinidade? Esse processo também se passa com mulheres?

Pedro Paulo de Oliveira - Bem, eu escrevi um livro inteiro sobre isso e não vou tentar resumi-lo aqui, pois me sinto completamente desconfortável nesse papel. Diria apenas que

a construção social da masculinidade tem, sim, como correlato o seu “outro”, ou seja, a feminilidade. Minha preocupação centrou-se nas questões masculinas, mas não é difícil entender que a construção de um tipo simbólico tem efeitos e implicações para o seu antípoda, notadamente ainda quando se refere à dicotomia centrada na polarização masculino-feminino.

IHU On-Line - Que tipos de símbolos fazia parte do masculino no Medievo e na modernidade e que hoje podem ser associados à mulher? Quais são as conseqüências sociais e culturais dessa mudança?

Pedro Paulo de Oliveira - Sobre o período medieval não posso falar, pois abordei de modo bastante sucinto a passagem do nobre de espada para o soldado laborioso da modernidade. Não sei se podemos pensar nestes termos, isto é, pensar em símbolos antes preso à idéia de masculinidade e hoje relacionados à feminilidade. O que se pode dizer é que algumas das idéias e símbolos associados ao poder, como a racionalidade, a capacidade de empreendimento, a moderação e equilíbrio das pulsões, entre outros, já não são mais vistos como indiscutivelmente masculinos em si. Embora eu não pense que estejam completamente dissociados da idéia de masculinidade. É só refletir sobre o fato de que, quando uma mulher ocupa uma posição de poder, ela logo é revestida

“Tal crise só pôde ser ventilada porque a mídia, impressa e eletrônica, adora esse tipo de abordagem em que se destaca a idéia de que há um novo homem”

“Não podemos esquecer que a lógica do social tende a reproduzir um modelo de feminilidade em que a idéia de fragilidade e de objeto no mercado matrimonial continuam a orientar os comportamentos hegemônicos, permitindo que o paradigma da feminilidade, centrado em características como a delicadeza, vaidade e emotividade, entre outras, continue a imperar, mesmo que contestado por outros modelos diferentes que não se enquadrarão neste molde”

de símbolos masculinizados. Pensemos na idéia de “dama de ferro” de Margaret Thatcher ou nos *tailleurs* ou “terninhos” femininos, usados como vestimenta por mulheres em cargos de poder corporativos, institucionais etc. A vida social muda, mas a inércia da história deve ser levada em conta para não pensarmos em revoluções totais que não guardam relação com o passado. E, com relação às questões de gênero, o peso histórico da hegemonia masculina ainda é bastante considerável.

IHU On-Line - Em que sentido essas mudanças no papel do homem e da mulher na sociedade implica em alterações nos modelos de família?

Pedro Paulo de Oliveira - A questão da família mereceria por si toda uma análise em especial. Na pesquisa que fiz com jovens favelados, percebi que o modelo de família adotado como ideal é aquele que apenas os setores de classe média podem sustentar. Isto provoca uma série de problemas para estes jovens. Por outro lado, é nos núcleos menos favorecidos que uma idéia de família estendida surge quase como uma estratégia de sobrevivência, embora não seja esta a

própria concepção que estes agentes têm da mesma. A família passa por transformações específicas, que têm relação com uma série de fatores outros, como, por exemplo, a presença da mídia eletrônica nos lares e mais recentemente dos computadores, bem como com a acirrada luta para inserção dos agentes no mercado de trabalho e de consumo. Não vincularia, assim, a mudança da posição social do homem e da mulher como os fatores decisivos que afetam as atuais mudanças no ideal de família, pois preferiria analisá-los em conjunto, vendo imbricações que devem levar em conta outros fatores.

IHU On-Line - Como ocorre a incorporação da feminilidade entre os homens gays? A mulher contemporânea inspira mais o homem gay do século XXI?

Pedro Paulo de Oliveira - A questão gay é por si só de uma complexidade imensa. Durante a minha pesquisa, percebi, no entanto, que alguns fatores podem ser importantes para que alguns gays assumam comportamentos femininos. Dois são fundamentais: o período em que o agente passa a se reconhecer como gay e sua condição

social. Há uma tendência (mas não obrigatoriedade) de se ter gays mais femininos, quanto mais jovens, portanto, eles se reconhecerem como gays. As “conversões” mais tardias tendem a seguir um padrão menos alinhado com um comportamento feminino. Isto, no entanto, é apenas uma tendência mais geral e nunca uma regra seguida por todos. Com relação à posição socioeconômica, os agentes menos favorecidos tendem a oscilar entre uma polaridade: ou são gays bem feminilizados ou então machões, conhecidos como “enrustidos”, que só assumem práticas sexuais em que eles sodomizam, mas que negam a prática de serem sodomizados, reiterando a velha dicotomia ativo e passivo. Um indício desta asserção é constatado, por exemplo, com pesquisas feitas com travestis, em que boa parte deles são originários de classes sociais desfavorecidas. Para explicar melhor a razão disso, eu precisaria lançar mão da idéia de profecia que se autocumpra, muito utilizada por alguns sociólogos para tratar das questões de identidade pessoal, o que é impossível neste espaço.

Do ponto de vista das lutas sociais, gays e feministas têm muitas bandeiras em comum, porém também muitas divergências, especialmente quando se pensa nas bandeiras do movimento gay masculino.

Não penso que a mulher contemporânea inspire mais o homem gay atual. Afinal de contas, quem é esse homem gay atual? Posso afirmar, com toda certeza, que significativos contingentes gays reprovam e buscam se afastar de qualquer associação com a feminilidade. Evidentemente, isso não é algo que possamos generalizar, mas dá a idéia de que, ao fazermos referência aos gays de modo genérico, estamos passando por cima de uma miríade de diferenças, que não são de forma nenhuma passíveis de serem reduzidas a um mínimo denominador comum. Qualquer pesquisa séria deve levar em conta o contingente de pessoas que fazem sexo com parceiro(a)s do mesmo sexo, de acordo com as variáveis sociológicas já aludidas na resposta à segunda questão.

O futuro incerto de Cuba



A renúncia de Fidel Castro, após 49 anos no poder, já era esperada para alguns, mas foi surpresa para a grande maioria. O fato é que o pronunciamento, por escrito, do ex-presidente, realizado no dia 19-02-2008, gerou especulações no mundo inteiro. O futuro da 'revolução cubana' está em discussão. As Notícias do Dia, diariamente publicadas no sítio do IHU, têm reproduzido textos e entrevistas que discutem o momento vivido por Cuba. Querendo contribuir neste debate, a *IHU On-Line* entrevistou o jornalista e professor da Universidade de Brasília (UnB) Hélio Doyle, o historiador Daniel Aarão Reis e o jornalista e tradutor Eric Nepomuceno.

Acertos e erros: uma avaliação do governo cubano

As mudanças em Cuba “não representam um retorno ao capitalismo”

POR PATRICIA FACHIN

Cuba poderia construir o verdadeiro socialismo, “com democracia e liberdade”, mas as circunstâncias mundiais obrigam os cubanos a “adotar elementos da economia de mercado para sobreviver como nação e assegurar o bem-estar de sua população”, comenta o jornalista e professor da Universidade de Brasília (UnB) Hélio Doyle. Os maiores problemas do país, como a alimentação racionada, por exemplo, são conseqüências da economia de mercado, adotada pelo país desde a década de 1990, explica ele.

Entre tantos equívocos e acertos no regime comandado por Fidel, o pesquisador ressalta que o poder popular cubano não assegura a participação dos cidadãos no governo como deveria, mas “chega mais perto do que nas ‘democracias’ capitalistas de países subdesenvolvidos e mesmo, em alguns aspectos, desenvolvidos, nos quais a democracia que um cidadão goza é proporcional ao dinheiro que tem”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Doyle alerta que possíveis mudanças no regime, mesmo com a sucessão de Raúl Castro, são delicadas e questiona: “Como dar mais liberdade à oposição se ela mesma diz que seu objetivo é abri o país aos Estados Unidos, voltando à situação antes da revolução? Como aumentar a possibilidade de negócios privados sem aumentar as desigualdades sociais e assim aumentar as tensões na sociedade?”. Para ele, independente das alterações dos próximos anos, é imprescindível manter “algumas das características do socialismo que se tentou construir”.

Hélio Doyle é autor da dissertação de mestrado *Revolução e Democracia: o poder popular em Cuba*, realizada em 1992. Sobre o país socialista, ele produziu dois documentários: *Cuba, o poder popular* (1991) e *As crianças de Chernobyl* (1990). Ambos foram premiados. O primeiro recebeu o prêmio revelação na Jornada de Cinema e Vídeo da Bahia e o segundo foi o melhor vídeo no I Festival do Vídeo de Brasília. Doyle foi jornalista do *Correio Braziliense* e atualmente é docente e pesquisador do Núcleo de Estudos Cubanos (Nescuba) da Universidade de Brasília (UnB).



IHU On-Line - O senhor disse que a renúncia de Fidel não representa grandes mudanças em Cuba, e que o regime socialista permanecerá. Entretanto, é possível vislumbrar alguma mudança na política econômica do país?

Hélio Doyle - A política econômica de Cuba vem sofrendo mudanças desde os primeiros anos da revolução, na década de 1960. Passou por diversas fases, diversas etapas. As mudanças mais significativas ocorreram a partir de 1990, quando Cuba se viu sem o apoio da antiga União Soviética e dos países do Leste Europeu vinculados ao Comecom (Conselho Econômico de Assistência Mútua) e ainda sujeita ao violento blo-

queio econômico dos Estados Unidos, que vinha desde 1961. Essas mudanças na economia ajudaram a retirar Cuba do fundo do poço e reerguê-la, mas tiveram um alto custo social para o sistema. A situação hoje é bem melhor do que na década de 1990, mas é claro que há grandes problemas que ainda têm de ser resolvidos. Logo, são necessárias mais mudanças na economia, como o próprio Raúl Castro tem dito e repetiu na Assembléia Nacional. O importante é que essas mudanças pretendidas não representam um retorno ao capitalismo, mas uma tentativa de manter o socialismo, ou pelo menos algumas das características do socialismo que se tentou construir.

IHU On-Line - O sentimento do povo cubano por Fidel mudou ao longo desses 49 anos em que ele esteve à frente do poder? Há um consenso popular sobre a figura do ex-presidente?

Hélio Doyle - Nenhum dirigente consegue manter o mesmo nível de apoio e popularidade em dez anos, quanto mais em 49 anos. Fidel, quando lutava contra Fulgêncio Batista, era quase uma unanimidade, só não tinha apoio do então ditador, de seus apoiadores e dos empresários e latifundiários que se beneficiavam do antigo regime. Começou a perder apoio quando mostrou que não queria fazer apenas uma troca de comando, mas uma revolução

social. O agravamento dos problemas econômicos e as restrições à liberdade, ao longo dos anos, foram aumentando a rejeição parcial ou total a ele e ao sistema. Mas a maioria dos opositoristas radicais ao sistema socialista, ao governo de Cuba e a Fidel vive nos Estados Unidos, na Espanha. São os que rejeitam radicalmente o socialismo, ou mesmo os que pretendem um nível de vida melhor no capitalismo, embora nem sempre consigam isso. Em Cuba, a oposição é ínfima e desarticulada, não tem qualquer respaldo popular. Só existe para os jornalistas estrangeiros e para o escritório de interesses dos Estados Unidos e algumas embaixadas européias. Fidel tem o apoio da maioria da população, até porque, se não tivesse, já teria caído. Não haveria como reprimir uma forte manifestação popular contra o sistema a 150 quilômetros da Flórida depois que terminou a guerra fria.

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação desses 49 anos de governo? Que aspectos do pensamento de Fidel o senhor considera ainda pertinentes e imprescindíveis para a política cubana?

Hélio Doyle - O governo cubano, Fidel à frente, acertou e errou em muitas coisas. Houve erros admitidos por eles próprios e erros que não foram reconhecidos, em todos os campos: político, econômico, social, cultural. Mas, para mim, o saldo é positivo. Cuba conseguiu sobreviver a todas as hostilidades dos Estados Unidos, não se rendeu, é um exemplo de soberania de uma nação e dignidade de um povo. A imagem que passam aqui no Brasil é de um país miserável, com o povo faminto, vigiado em cada esquina. Não é nada disso. O país é pobre, e o povo tem um padrão de vida baixo, mas não há as enormes desigualdades sociais. Ninguém passa fome, ninguém mora na rua, a saúde é de primeiro mundo, há educação gratuita para todos, da creche à pós-graduação, e nenhum cidadão fica desamparado pelo Estado. Há restrições à liberdade, mas não é um Estado policial. E essas restrições, em boa parte, são compreensíveis em um país pequeno, hostilizado de todas as maneiras pela maior potência mundial. Numa situação assim,

“O país é pobre e o povo tem um padrão de vida baixo, mas não há as enormes desigualdades sociais. Ninguém passa fome, ninguém mora na rua, a saúde é de primeiro mundo, há educação gratuita para todos, da creche à pós-graduação, e nenhum cidadão fica desamparado pelo Estado”

o adversário político vira inimigo, especialmente quando se sabe que é financiado pelo inimigo. Não é uma situação desejável. Os níveis de liberdade poderiam ser maiores mesmo diante desse quadro, mas é simplista exigir de um país acossado que dê liberdade de ação ao inimigo. Nenhum país, capitalista ou socialista, faz isso.

IHU On-Line - E o que poderia ser diferente?

Hélio Doyle - Não é viável construir o socialismo, como deve ser o socialismo, em um só país, ainda mais em uma ilha isolada e ameaçada. O que poderia ser diferente é que Cuba poderia estar construindo o verdadeiro socialismo, não aquele que fracassou na União Soviética e no Leste Europeu, mas um socialismo moderno, com democracia e liberdade, igualdade entre as pessoas, solidariedade, em que o mérito de cada um vem de seu trabalho e de seu caráter, não do dinheiro que possui. Mas Cuba é obrigada, pelas circunstâncias e pela realidade do mundo, a adotar elementos da economia de mercado para sobreviver como nação e assegurar o bem-estar de sua população. E são esses elementos da economia de mercado que causam os maiores problemas que Cuba enfrenta hoje. Os elementos do capitalismo adotados a partir dos anos 1990 causaram desigualdades, tensões sociais, males próprios dos países capitalistas, desenvolvidos ou não.

IHU On-Line - Com a renúncia de Fidel, que mudanças serão oportunas para a Ilha? Cuba precisa de trans-

formações na sua estrutura política e econômica? Acredita que elas sejam feitas por Raúl Castro?

Hélio Doyle - É preciso mudar muita coisa, claro. Não será fácil, por causa das variáveis que limitam o alcance dessas mudanças. Como dar mais liberdade à oposição se ela mesma diz que seu objetivo é abrir o país aos Estados Unidos, voltando à situação de antes da revolução? Como aumentar a possibilidade de negócios privados sem aumentar as desigualdades sociais e assim aumentar as tensões na sociedade? É possível fazer tudo isso, mas é óbvio que o sistema não trabalhará pela sua destruição. Nenhum sistema e nenhum governo trabalha contra si próprio, em Cuba, no Brasil, nos Estados Unidos ou no Congo. As mudanças necessárias são as que permitirão melhorar a qualidade de vida da população e aumentar o nível de liberdades políticas nos marcos do socialismo.

IHU On-Line - A imprensa cubana recebe várias críticas de pesquisadores. Eles alegam, entre outras coisas, a falta de liberdade de imprensa no país. Levando em consideração o regime político adotado pela ilha, qual é a sua avaliação da imprensa cubana? Cuba sempre esteve na contramão no que se refere à liberdade de imprensa? Com a renúncia de Fidel, esse quadro pode sofrer alterações?

Hélio Doyle - Se você racionalizar nos esquemas de um país capitalista, jamais entenderá Cuba. Cuba é socialista, ainda que um socialismo limitado pela globalização, e assim suas estruturas políticas são socialistas. No so-

“Se você raciocinar nos esquemas de um país capitalista, jamais entenderá Cuba”

cialismo, a direção é do partido. Não há imprensa privada. O que poderia mudar na imprensa? Em vez de ser estatal, a imprensa cubana poderia ser pública, com possibilidade de a sociedade civil ter seus meios de comunicação. Poderia ser mais aberta a algumas questões. Eu acho que esse deve ser o objetivo, ainda distante. Não há mesmo liberdade de imprensa em Cuba, tal qual a entendemos. E isso é assumido. Mas há muita hipocrisia nessas análises. Lá, a imprensa é dominada pelo Estado. Aqui, é dominada pelo capital privado. A liberdade de imprensa, em qualquer país ou formação política, é limitada pelos interesses dominantes.

IHU On-Line - Entre tantas críticas a Fidel, uma das mais ferrenhas diz respeito ao seu governo “ditatorial”. Os países capitalistas alegam que Cuba não vive uma democracia. Entretanto, lá, educação e saúde estão disponíveis gratuitamente para todos os cidadãos. Como o senhor avalia esses dois mundos (socialista e capitalista)? Quais as vantagens de viver num país “democrático” como o Brasil, por exemplo, se a maioria da população não tem condições de comprar medicamentos, alimentos, livros? Esse modelo democrático não lhe parece uma ilusão? E até que ponto um governo socialista pode ser positivo e negativo?

Hélio Doyle - Cuba não é uma democracia capitalista e não quer ser. Não é também o que entendo deve ser uma democracia socialista. Mas eu não cobro isso dos cubanos, pois sei que no quadro atual, diante das hostilidades e do bloqueio norte-americano, do predomínio

do capitalismo no mundo, não é possível construir o socialismo como deve ser o socialismo, e, naturalmente, não é possível ter uma democracia socialista em sua amplitude. Mas Cuba não é a ditadura que pintam, como se o povo fosse subjogado pela força das armas.

Acredito mesmo que haja uma democracia no nível das comunidades, das cidades: a população participa, opina, decide. Respondendo à pergunta, eu vejo que Cuba atende as necessidades básicas do cidadão: alimentação, moradia, saúde, educação, assistência aos que precisam. O povo é educado e culto. A expectativa de vida é de mais de 77 anos, e o índice de mortalidade infantil é melhor do que o da maioria das cidades dos Estados Unidos, incluindo a capital. Como um povo que passa fome pode ter esses índices? A democracia no capitalismo é formal. Na verdade, quem decide é quem tem dinheiro, quem tem o poder econômico. Uma parcela mínima da população vive muito bem, a maioria vive muito mal, pior do que a média em Cuba.

IHU On-Line - Como o senhor percebe e compreende o poder popular em Cuba? Ele assegura a participação dos cidadãos no governo?

Hélio Doyle - Não assegura como deveria ser, mas chega mais perto do que nas “democracias” capitalistas de países subdesenvolvidos e mesmo, em alguns aspectos, desenvolvidos, nos quais a democracia que um cidadão goza é proporcional ao dinheiro que tem. No nível municipal, como disse, há um alto grau de democracia. Os candidatos às assembleias municipais são indicados pela população, o voto é livre, há a possibilida-

de de os eleitores revogarem o mandato de um eleito, de seis em seis meses há prestação de contas aos eleitores, há conselhos populares. Esse nível de democracia cai nas assembleias provinciais e na Assembleia Nacional, em termos de participação efetiva no governo, mas existe, não é uma ditadura, simplesmente. E há a questão do método: os temas mais complicados, mais espinhosos, são amplamente discutidos com a população antes de serem efetivados. Enfim, não é um sistema perfeito, longe disso, mas não é a ditadura que pintam os inimigos do sistema.

IHU On-Line - O poder popular foi fundamental para garantir a sobrevivência do socialismo em Cuba?

Hélio Doyle - Sim, foi fundamental. Não apenas como instituição, mas como método, como modo de governar. Os governantes, em Cuba, não estão longe da população. Com exceção de Fidel e Raúl, por razões óbvias, os dirigentes vivem normalmente nos bairros, fazem compras, entram em filas. Carlos Lage¹ pode ser visto caminhando na calçada como qualquer cidadão. A população é ouvida e isso cria consensos, respaldo às medidas.

Muitos acharam que o socialismo em Cuba cairia junto com a União Soviética, com a Hungria, a Romênia. Erraram feito porque não entenderam as peculiaridades de Cuba, as grandes diferenças entre Cuba e esses países. E agora vão errar de novo porque continuam baseando suas análises no desconhecimento do que acontece em Cuba, na visão dos intelectuais midiáticos que sabem tudo e não sabem nada e nos desejos que têm de ver o socialismo cair em um de seus últimos refúgios.

¹ Carlos Lage Dávila (1951): político cubano. Foi dirigente da Unión de Estudiantes Secundarios, da Federación Estudiantil Universitaria (FEU) e da União de Jovens Comunistas (UJC). É membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba desde 1980 e Deputado na Assembleia Nacional do Poder Popular desde 1976. Desde 1986, é Secretário do Comitê Executivo do Conselho de Ministros de Cuba, responsabilidade que na prática é comparável à de um primeiro-ministro de uma república presidencial. (Nota da *IHU On-Line*)

“Lá, a imprensa é dominada pelo Estado. Aqui, é dominada pelo capital privado. A liberdade de imprensa, em qualquer país ou formação política, é limitada pelos interesses dominantes”

“Se existe ainda o socialismo em Cuba, isso é matéria de controvérsia”

O tão sonhado socialismo cubano foi profundamente reformulado com a abertura ao capital internacional, avalia Daniel Aarão Reis

POR PATRICIA FACHIN

Fidel atuou de diversas maneiras enquanto esteve no poder. Mas já deveria ter renunciado bem antes, a exemplo de Nelson Mandela, que “soube sair na hora certa”. A opinião é de Daniel Aarão Reis, professor de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em entrevista especial à **IHU On-Line**, por e-mail, o pesquisador destaca quatro períodos do mandato do ex-presidente cubano e afirma que todas as transformações ocorridas na Ilha tiveram algo em comum: “a incansável vontade, a descomunal ambição” de Fidel “permanecer no poder”.

Aarão Reis é graduado e mestre em História, pela Université de Paris VII, e doutor em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, atua como docente na Universidade Federal Fluminense (UFF).

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação da renúncia de Fidel? Sob o comando de Raúl Castro, Cuba pode caminhar para o socialismo democrático?

Daniel Aarão Reis - A renúncia de Fidel Castro vem tarde, muito tarde. Ele deveria ter saído há muito tempo, contribuindo no sentido de que a revolução não ficasse tão personalizada, e não houvesse tanto culto à sua personalidade. Exemplo deste ponto de vista foi o Nelson Mandela¹, que soube sair na hora certa, ficando na condição de reserva política e moral de seu país. Entretanto, a ambição de exercer o poder, pessoalmente, sempre foi muito forte em Fidel e isto o levou a se eternizar no poder com conseqüências muito negativas para a revolução.

IHU On-Line - Em que medida a política adotada por Fidel nesses 49 anos

¹ Nelson Mandela (1918): advogado, ex-líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era considerado pelo governo sul-africano um terrorista. Passou a infância na região de Thembu, antes de seguir carreira em Direito. (Nota da *IHU On-Line*)

nos ajuda a compreendê-lo?

Daniel Aarão Reis - Fidel adotou muitas e diferentes políticas enquanto se manteve no poder. E foi esta faculdade camaleônica, de mudar conforme as circunstâncias, que o ajudou, no final das contas, a se manter no poder. Houve a política revolucionária dos primeiros anos; houve, depois, a fase de subordinação à URSS, quando Fidel foi capaz de aprovar a invasão soviética da Tchecoslováquia; depois, houve o tempo da retificação e, agora, nestes últimos anos, esta política de abertura ao capital internacional, inconcebível nos anos heróicos da revolução. São estas mudanças, entre outras, que ajudam a entender os vários Fidéis que existiram ao longo deste meio século. Entre todos eles, um denominador comum: a incansável vontade, a descomunal ambição de permanecer no poder.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a associação que se criou entre Fidel e a Revolução Cubana? Ele foi transformado num mito?

Daniel Aarão Reis - Avalio como uma

tragédia, uma desgraça histórica. A revolução é um processo social, histórico, quando os movimentos sociais exercem sua autonomia. Quando ela se associa a uma pessoa só, é à custa da desvitalização do processo social. As pessoas se tornam pequeninhas em face da figura gigantesca do Jefe, como se tudo houvesse dependido de uma pessoa só. Elas se transformam como as rãs na fábula, clamando por um Rei, no caso, o Caballo, o grande Fidel, o comandante em Jefe etc. Mas a associação se fez, está feita, também é um processo histórico. Uma tristeza que tenha acontecido, mas aconteceu.

IHU On-Line - Antes da Revolução, Cuba era o paraíso das jogatinas e do tráfico americano. Com a Revolução e o comando de Fidel por 49 anos, Cuba firmou sua autonomia como nação e recuperou sua dignidade? Qual é a sua percepção da condução do governo cubano, por Fidel Castro?

Daniel Aarão Reis - Cuba era o puteiro do Caribe realmente e com a Revolução saiu desta situação. Mas é falso di-

zer que isso ocorreu “com a revolução e o comando” de Fidel. No momento da vitória, Fidel era um grande líder, certamente, mas havia outros que ombreavam com ele, em prestígio e poder: Camilo, o Che, entre muitos outros. Havia outras organizações, como o Diretório Revolucionário Estudantil, muito forte em Havana. Desgraçadamente, seus principais líderes foram mortos no assalto ao palácio de Batista. Esta outra palavra “comando” foi se afirmando com o tempo, com o processo de militarização e hierarquização da revolução, centralizada por Fidel. Quando a liderança política se torna “comando”, quando os movimentos sociais se militarizam, adeus à liberdade de crítica e à democracia, foi o que aconteceu com Cuba. Não à toa, as cores da revolução, que eram múltiplas, e do próprio Movimento 26 de Julho, que eram o vermelho e o negro, se transformaram numa só cor, o verde oliva do exército rebelde. Agora, realmente foi uma grande conquista da revolução ter recuperado a dignidade e a autonomia. Mas isto deve ao povo cubano e não a um líder só, por mais importante que tenha sido.

IHU On-Line - Cuba resistiu ao embargo americano e, ao contrário do que muitos especialistas pensavam, o sistema socialista permaneceu e, embora com poucos recursos, Cuba sobrevive e apresenta um dos melhores modelos em educação e saúde. Isso pode ser considerado um feito realizado por Fidel?

Daniel Aarão Reis - Se existe ainda o socialismo em Cuba, isso é matéria de controvérsia. Para mim, sim, existe, mas profundamente reformulado em relação aos anos 1960, com suas aberturas ao capital internacional, restabelecendo inclusive situações vexatórias como a disseminação da prostituição e a proibição de cubanos freqüentarem determinadas lojas ou lugares de diversão, a menos que estejam acompanhados por estrangeiros com moeda forte. Quanto às reformas no plano da saúde e da educação, devem ser imputadas ao povo cubano. Claro, houve a liderança de Fidel, sem dúvida, e ele tem inegáveis méritos por isto, mas só os aduladores de Fidel é que

“Não à toa, as cores da revolução, que eram múltiplas, e do próprio Movimento 26 de Julho, que eram o vermelho e o negro, se transformaram numa só cor, o verde oliva do exército rebelde”

se representam a situação como tendo sido “obra de Fidel”. Trata-se do velho e nefasto culto à personalidade que devemos evitar a todo o custo.

IHU On-Line - Questões como o auxílio educação, saúde, moradia se tornam pertinentes e importantes num governo, mesmo que ele seja visto como “ditatorial”? É preferível viver num país “democrático”, em que o Estado não ofereça as necessidades básicas aos seus cidadãos ou numa “ditadura”, mas com as mínimas condições de sobrevivência? Essas são comparações possíveis?

Daniel Aarão Reis - Todas as comparações são possíveis. A polarização entre democracia e bem estar social é nefasta. Devemos lutar por sociedades que disponham de democracia, liberdade e bem-estar social, ao mesmo tempo. Por que a polarização? Cuba poderia ter as reformas sociais e a democracia. Por que não? A opção pela militarização, pela ditadura pessoal, estava no DNA da revolução cubana, mas não necessariamente teria desabrochado como desabrochou, não fosse a ambição de mando de Fidel e a tendência das pessoas em ter a proteção de um Rei, de um Pai Protetor. Mais lamentável nisto tudo é a posição de certos intelectuais que exercitam sua capacidade crítica frente a muitas questões, mas que, frente a Fidel, ficam como medusados, demitindo-se da condição de pessoas críticas. Não é a primeira vez que acontece na História. Já tínhamos visto o fenômeno acontecer em relação a Mussolini, Hitler, Stalin,

Prestes e tantos outros. Veja, não estou dizendo que todos estes ditadores foram iguais ou desempenharam o mesmo papel histórico. Foram bem diferentes, mas têm entre eles este aspecto comum: corresponderem à demanda muito humana por segurança. A fábula das rãs e do Rei refere-se à espécie humana e não a marciais.

IHU On-Line - A política e ideologia de Fidel ainda são pertinentes para os cubanos? Quais são os principais desafios a serem superados pelo novo governo?

Daniel Aarão Reis - A política e a ideologia de Fidel mudaram muito ao longo dos anos. Como comparar, por exemplo, as políticas dos anos 1960 e as dos anos 1970 (período de subordinação, embora nunca incondicional, à URSS e a seus modelos de organização?), ou a dos anos 70 (estatização total) com as atuais (grande abertura em relação ao capital internacional)? Os tempos e as circunstâncias mudam e impõe mudanças nas políticas. Fidel foi essencialmente um pragmático, um camaleão, sabendo se adaptar às circunstâncias cambiantes e pensando, antes e acima de tudo, no Estado, no fortalecimento do Estado e de sua posição pessoal no “comando” do Estado. O fez com maestria notável, não por outro motivo conseguiu passar quase 50 anos no poder, o que é, a rigor, uma tristeza, um atestado de miséria, para ele e para as gentes que o amam. Apesar de tudo, vale sempre ressaltar que a Revolução Cubana, sempre liderada por Fidel, soube preservar certas conquistas fundamentais: as reformas sociais e a independência nacional. Que sejam mantidas, e aperfeiçoadas, num quadro de uma democratização que tarda e que, a meu ver, já perdeu suas melhores chances históricas de construção.

IHU On-Line - Como explicar o “amor” dos cubanos por Fidel? O senhor diz que ele virou um “ditador da Ilha” e que “não há nada de pior que possa acontecer a uma sociedade do que amar seus tiranos”. Quais seus argumentos diante dessa posição?

Daniel Aarão Reis - É muito comum na história da humanidade as pessoas amarem os seus tiranos, principalmen-

“Neste momento em que Fidel, finalmente, se vai, é preciso combater a lamentável tradição do puxa-saquismo, da adulação acrítica, particularmente forte, e triste, entre intelectuais que existem para exercitar a crítica”

te quando eles se associam com reformas - políticas e sociais - que correspondem aos interesses gerais.

IHU On-Line - Fidel exerceu alguma influência sobre as esquerdas brasileiras?

Daniel Aarão Reis - As maiores influências foram do Che e de Regis Debray. Mas os dois dialogavam muito com Fidel, sem dúvida. Resta, e isto foi e é muito importante, o exemplo, a atitude, a ousadia, em defesa dos programas sociais e nacionalistas. Nisto, a Revolução Cubana foi paradigmática e será sempre considerada como um marco na história do século XX.

IHU On-Line - O senhor deseja acrescentar mais alguma coisa?

Daniel Aarão Reis - Neste momento em que Fidel, finalmente, se vai, é preciso combater a lamentável tradição do puxa-saquismo, da adulação acrítica, particularmente forte, e triste, entre intelectuais que existem para exercitar a crítica. Que o pensamento crítico tente explicar e compreender esta dinâmica personalista da política, das revoluções, em particular. Se isto for possível, estaremos oferecendo uma contribuição a que as pessoas acedam ao que há de mais importante para as sociedades e para as gentes: à autonomia, esta formosa palavra, tão maltratada em tempos de ditadura e líderes carismáticos.

Como não perder ou sacrificar as conquistas da revolução? Eis o desafio

Para o escritor e jornalista Eric Nepomuceno, Raúl Castro, na condução do presente de Cuba, poderá estabelecer mudanças de rota, não de rumo, e eliminar alguns problemas crônicos que assolam a ilha há décadas

POR ALESSANDRA BARROS

Eric Nepomuceno é jornalista e escritor. Foi correspondente do Jornal da Tarde na Argentina e da Veja na Espanha e México. Trabalhou na Rede Globo como editor e foi cronista do Caderno B, do Jornal do Brasil. Seus livros de contos e de não-ficção ganharam vários prêmios, inclusive o Jabuti pela tradução de autores de língua espanhola, como Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Juan Rulfo, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges. É autor de 14 livros (romances, contos e ensaios), entre eles Caderno de notas (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979), obra que visualiza o processo da Revolução Cubana e os significados históricos do “cordobazo”. Dedicou anos de pesquisa sobre um dos mais chocantes episódios de conflito agrário do Brasil, o massacre de Eldorado do Carajás, em 17 abril de 1996, tema da sua obra O Massacre - Eldorado do Carajás: uma história de impunidade. Atualmente, escreve para os principais diários hispânicos e brasileiros.



Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, ele analisa a renúncia de Fidel Castro e afirma que este momento em Cuba tem tudo para ser de renovação.

IHU On-Line - Para o senhor, a renúncia de Fidel já era prevista?

Eric Nepomuceno - Sim, era. Fidel Castro sempre foi um homem de atividade incessante, que dormia pouquíssimas horas por dia, participava de tudo que era tipo de ato, reunião, manifestação, debate. Era uma vida no limite permanente do esgotamento. Quando se tornou clara a gravidade de seu estado físico, quando sua recuperação se mostrou lenta e, além do mais, limitada, ficou claro, ao menos para mim, que ele não continuaria formalmente à frente do governo cubano. Trata-se, também, de uma estratégia política de transmissão de mando, de poder, sem maiores traumas. Ao longo de 19 meses, Raúl Castro e um grupo específico de dirigentes levaram o barco sem enfrentar problema algum. Muito melhor, para Cuba e os cubanos, foi essa transmissão ter sido feita com a presença de Fidel Castro do que com sua ausência.

“Fidel Castro é, claro, uma personalidade fascinante, um homem cativante e, enfim, um excelente cozinheiro e um conversador extraordinário”

IHU On-Line - Qual é o futuro de Cuba com a renúncia de Fidel? O que representa Raúl Castro na condução do futuro de Cuba?

Eric Nepomuceno - Creio que haverá essencialmente uma transferência de mando e responsabilidade administrativa. O futuro sem Fidel vinha sendo estruturado desde pelo menos 1991, e com Fidel. Houve uma abertura econômica muito significativa - e bastante ignorada no Brasil -, que assegurou a sobrevivência de Cuba, bloqueada por um lado (os Estados Unidos) e abandonada à deriva por outro (o fim da União Soviética e a dissolução do bloco socialista). Ao mesmo tempo, surgiram delicadas e sérias distorções no processo da Revolução. Não é bem que despiram um santo para vestir outro: vestiram um santo, e esse santo revelou-se contraditório, problemático. Raúl Castro, na condução do presente de Cuba, poderá estabelecer mudanças de rota, não de rumo, e eliminar alguns problemas crônicos que assolam a ilha há décadas, a começar pelo excesso de burocracia, pelas restrições absurdas e injustificadas a uma série de direitos e benefícios reclamados pelas novas gerações, melhorar os mecanismos emperrados da distribuição de bens e serviços e, finalmente, incrementar os salários dos trabalhadores. Creio, pelo que conheço de Cuba, das gerações intermediárias que já ocupam há décadas cargos decisivos na administração, e do próprio Raúl Castro, que o processo cubano será sensivelmente arejado.

IHU On-Line - Como se dará essa transição? Serão necessárias reformas?

Eric Nepomuceno - Será uma transição que em nenhum momento afetará a continuidade do processo cubano. Acho importante e necessário que agilizem a produção e a distribuição de bens, maior abertura para que cidadãos criem pequenas empresas privadas prestadoras de serviços, um profundo abalo na estrutura absurda da burocracia transbordante. Instauradas essas mudanças, se poderá, com muito mais eficácia, combater os focos de corrupção, que

existem e são delimitados, melhorar a qualidade do atendimento prestado à população e, enfim, melhorar o poder de renda dos cubanos.

IHU On-Line - O senhor acredita na realização de eleições convencionais na ilha?

Eric Nepomuceno - Nas eleições convencionais, da democracia burguesa representativa (me atendo ao aspecto histórico no termo, sem nenhum sentido pejorativo, ao contrário), penso que não. Nem a curto nem a médio prazo. O sistema representativo cubano tem mecanismos próprios, que poderão até mesmo ser bastante flexibilizados. Mas acredito ser muito difícil implantar partidos políticos e promover disputas eleitorais convencionais.

IHU On-Line - Esse é um momento de renovação para os cubanos?

Eric Nepomuceno - Talvez seja, tem tudo para ser. O importante, em todo caso, e cada cubano tem plena consciência disso, é não perder ou sacrificar as conquistas da revolução, e não permitir o retorno de um capitalismo predador, primário, rasteiro. É preciso conhecer Cuba seriamente, para entender que renovação é algo que acontece permanentemente na ilha, embora não se espalhe e ramifique como seria desejável. É hora de isso acontecer, sempre que, repito, não se sacrifique conquista alguma. Recordo claramente que em 1992, no auge de uma crise que levou Cuba à beira do colapso total, com as pessoas praticamente sem ter o que comer, Fidel Castro chamou a atenção para um dado que o mundo, na torcida exaltada pelo fim da revolução, ignorou: nem naquele período de escassez absoluta, de miséria total, foi fechada uma só escola, desativado um só leito de hospital.

IHU On-Line - Como Fidel Castro ficará na história?

Eric Nepomuceno - Como uma das figuras mais carismáticas, mais poderosas e controversas não só do século XX, mas dos últimos cem anos. O homem

que soube conduzir um processo que resgatou e tornou invulnerável o sentido de dignidade para o povo cubano. Que sobreviveu a dez presidentes norte-americanos, a uma invasão armada planejada, apoiada e financiada pelo governo do presidente John Fitzgerald Kennedy, a um sem-fim de atentados terroristas, cometidos não só contra Cuba, mas contra a sua pessoa. Enfim, que soube construir uma história pessoal em perfeita harmonia com a história de seu tempo. Creio que Fidel Castro, em última instância, tem uma estatura histórica superior à de Cuba. Maior do que a dimensão de seu país.

IHU On-Line - Qual foi o seu papel para Cuba e toda América Latina?

Eric Nepomuceno - Jamais vi Fidel, como nenhuma das figuras míticas da Revolução Cubana - Che Guevara, Camilo Cienfuegos em lugar de destaque especial, mas também Juan Almeida, Ramiro Valdéz e tantos outros -, como um modelo. Creio, porém, que foi um exemplo positivo em muitos aspectos, e que cometeu erros graves em outros. Ou seja: exemplo das possibilidades e das contradições do ser humano transformado em condutor de um processo histórico, sim. Modelo, não.

IHU On-Line - O senhor esteve várias vezes com Fidel. O que mais lhe atrai na sua personalidade? O que faz dele um mito político vivo?

Eric Nepomuceno - Sua própria trajetória, única. Sua capacidade de sobrevivência. Sua dedicação obsessiva à causa de seu país e de sua gente. Sua integridade de aço. García Márquez, amigo de Fidel, diz que o que mais o impressionou sempre na figura do líder cubano - para o bem e para o mal - é que nada do que ele fez deixou de ser colossal, pois colossal é sua maneira de ver e entender a realidade e o mundo. Compartilho essa impressão. E Fidel Castro é, claro, uma personalidade fascinante, um homem cativante e, enfim, um excelente cozinheiro e um conversador extraordinário.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

“Nós não temos uma definição exata nem da profundidade nem da extensão da crise”

Se não for controlada, a crise imobiliária americana pode gerar outra turbulência no mercado internacional, avalia o economista Luiz Gonzaga Belluzzo

POR PATRICIA FACHIN

Como se fosse uma bola de neve, os desequilíbrios globais estão ganhando mais dimensão e tomando um rumo desenfreado na última década. Isso se deve à chamada “fuga para frente”, alternativa adotada com bastante frequência pelos Bancos Centrais, explica o economista e professor da Unicamp Luiz Gonzaga Belluzzo.

Em conversa com a equipe da IHU On-Line, na última semana, o economista explicou que, com a repetição de várias crises ao longo dos anos 1990, o mercado internacional acreditava que se podia “cometer qualquer insensatez que os Bancos Centrais seriam capazes de salvar”. Mesmo que o Fed (Federal Reserve) interfira baixando as taxas de juros, ou o tesouro americano tome novas providências para aumentar o dinamismo econômico, não se “poderá sair rapidamente dessa situação e recompor o cenário anterior. Isso é uma ilusão”, argumenta Belluzzo.

Com tantas elevações no cenário internacional, é necessário discutir como se dará a reforma do sistema monetário e financeiro, sugere o pesquisador. Para ele, um dos pontos fundamentais a serem discutidos diz respeito “à natureza da moeda internacional, hoje exercida pelo dólar”. Embasado nos ensinamentos keynesianos, o economista afirma que enquanto a função de moeda internacional continuar “sendo exercida por uma moeda nacional”, ela levará “a desequilíbrios cumulativos e difíceis de serem resolvidos”.

Belluzzo é graduado em Direito, pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Economia Industrial, pelo Instituto Latino-Americano de Planificação-Cepal, e doutor em Economia, pela Universidade de Campinas (Unicamp). Atualmente, atua como professor titular do Instituto de Economia da Unicamp e editor da revista Carta Capital.

O pesquisador já participou de outras edições da IHU On-Line. A entrevista mais recente, intitulada “Nós fomos ultrapassados pelos outros, o que não quer dizer que isso seja um fenômeno insuperável”, foi publicada na edição 218, O Brasil está se desindustrializando? Um debate, de 07-05-2007. A versão online dessa edição pode ser acessada através da nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).



IHU On-Line - Como o senhor descreve o atual momento da economia mundial? Está ocorrendo uma crise de superprodução ou uma crise de especulação financeira?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Essa é uma crise cujo gatilho é financeiro, existente por causa dos excessos cometidos na década de 1990, quando os Bancos Centrais conseguiram enfrentar a primeira crise de ações e das tecnologias da informação, dando a impressão de que poderiam superar qualquer adversidade.

Na época, o Fed (Federal Reserve), por exemplo, conseguiu enfrentar isso com eficiência. Ao baixar rapidamente as taxas de juros e conseguir conter a recessão, ele deu fôlego à continuidade da febre especulativa, agora concentrada nos imóveis.

Ambos os “abusos” incitam a especulação tanto com artigos reais quanto com perspectivas de ganhos com investimento na produção e no sistema financeiro. A base de tudo é o descontrole com a expansão do crédito, mas isso acontece sempre.

No caso da crise atual, o desequilíbrio se deu com grande velocidade com a criação de derivativos como, por exemplo, os que protegem ou tentam proteger a possibilidade da inadimplência por parte dos tomadores finais dos créditos. Essas inovações também se multiplicaram com a chamada securitização. Os bancos que fazem os empréstimos securitizavam esses créditos para veículos especiais que os vendiam para fundos de pensão. Essas ações originaram uma pirâmide de ativos, cuja base eram os empréstimos hipotecários feitos àqueles que pretendiam adquirir a sua casa própria.

Como era uma disputa feroz para poder ampliar esses créditos e, ao mesmo tempo, o foco estava, sobretudo, na quantidade e não na qualidade do crédito que se concedia, foram capturados devedores que não tinham condições de pagar. Eles foram fisgados mediante formas de pagamento que sustentavam esses créditos, que previam, por exemplo, o pagamento de juros favorecidos durante dois anos. Mas, quando essas condições mudaram e foi feita a revisão das taxas de juros, a inadimplência começou

“Hoje em dia, com essa crise, a dificuldade dos Bancos Centrais aumentou muito. Não sei se eles irão conseguir reverter a situação”

a se tornar incontrolável. Isso passou a afetar toda a cadeia alimentar da especulação, que termina agora com os problemas causados às seguradoras de crédito, que se propunham, mediante o ganho de uma comissão, a garantir o pagamento integral desses créditos.

Por isso, essa crise é muito mais profunda do que se pode imaginar. Digo isso, porque não só ela avançou muito nessas inovações perigosas, mas também porque ela se espalhou dos Estados Unidos para a Europa e provavelmente por alguns países da Ásia.

Projeções

Nós não temos uma definição exata nem da profundidade nem da extensão da crise. É claro que isso tem um efeito, porque irá afetar muito a situação econômica das famílias americanas que estão muito endividadadas, não só por causa da aquisição dos imóveis, mas também porque elas se endividaram muito com compra de duráveis nos cartões de créditos. O que está se observando é que há uma desconfiança dos consumidores. Eles já estão começando a cortar gastos. O consumo tem um peso importante na formação do gasto e da renda nos Estados Unidos, e o nível de endividamento está muito alto, o que torna muito presente o risco de uma recessão mais profunda. Se isso acontecer, certamente a capacidade de pagamento das famílias irá diminuir e conseqüentemente aumentará a inadimplência, agravando a crise.

IHU On-Line - Como o senhor disse, em 2000, a bolha da tecnologia da formação não gerou uma crise maior devido às intervenções do Fed. Na conjuntura atual, o senhor acredita

que o mercado imobiliário também será salvo pelo Estado? Se sim, a crise pode se prolongar a longo prazo e voltar sempre com mais força? A injeção de 150 bilhões de dólares liberados por Bush é uma boa medida para amenizar a crise ou evitar que a economia norte-americana enfrente uma recessão profunda?

Luiz Gonzaga Belluzzo - A história da segunda metade do século XX tem sido essa da fuga para frente. Depois que houve a repressão financeira, as crises começaram a se repetir. O ano de 1990 iniciou com a crise da serpente monetária européia. Depois, veio a crise com a libra, vieram as crises de 1994, a crise mexicana, no início de 1995, a crise asiática, a russa, o colapso da Argentina no começo do milênio, em 2001. Em 2002, o Brasil sofreu os efeitos da desconfiança dos mercados em relação à eleição do presidente. E, a partir de 2003, as coisas se acalmaram e os mercados começaram a funcionar com maior fluidez, já que todos os riscos caíram, as condições gerais melhoraram, a inflação estava baixa e as bolsas se recuperaram. Mas, nessa época, ocorreu um período de bonança que facilitou muito. Tivemos a impressão de que se podia cometer qualquer insensatez que os Bancos Centrais seriam capazes de salvar o cenário.

Hoje em dia, com essa crise, a dificuldade dos Bancos Centrais aumentou muito. Não sei se eles conseguirão reverter o quadro. É claro que ainda restam alguns instrumentos como, por exemplo, as ações de política fiscal, que podem ser combinadas com uma tentativa de se criar um espaço maior para a capacidade de pagamento dos devedores em situação mais grave. Esse espaço implicaria de certa forma numa moratória, ou seja, uma reestruturação da dívida concedida a esses devedores. Agora, não sabemos o quanto irá durar o crescimento abaixo do potencial dessas economias. Precisamos lembrar que, no caso do Japão, uma crise parecida com essa levou dez anos para ser digerida.

Intervenção ou prevenção?

Há, no mercado, uma percepção equivocada de que, se o Fed intervir baixando mais as taxas de juros

“Fico muito preocupado com a possível ocorrência de uma transição muito rápida de um superávit comercial de 40 bilhões, por exemplo, para uma situação de déficit, sobretudo de déficit comercial”

ou se o tesouro americano tomar as providências para aumentar o dinamismo econômico, se poderá sair rapidamente dessa situação e recompor a situação anterior. Isso é uma ilusão. Há questões que devem ser resolvidas, como a colocação de limites para certas operações, a supervisão das autoridades em relação aos derivativos, a imposição de limites quantitativos à expansão de certas operações de créditos. Tudo isso está em questão, mas levará tempo para chegar ao consenso das medidas que precisam ser tomadas. Mas, de fato, sem essa intervenção ampla e abrangente do Estado, não será possível contornar a crise.

IHU On-Line - Levando em consideração os desequilíbrios econômicos internacionais ocorridos nos últimos anos, como o senhor percebe a atuação dos Bancos Centrais? Eles estão mais preparados para administrar uma crise global? Qual o desafio em situações como essas?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Essa é uma discussão que envolve pontos de vista ideológicos diferentes. Há muitos que celebravam a gestão do Banco Central europeu como muito eficaz para combater a inflação. Os Bancos Centrais, particularmente o Fed, se recusaram a interferir na formação da bolha. Se pegarmos os discursos do Alan Greenspan¹, ao longo dos últimos anos em que ele permaneceu na presidência

¹ Alan Greenspan (1926): economista estadunidense. Entre 1987 e 2006 atuou como presidente do Fed (Federal Reserve) dos Estados Unidos. O livro de Greenspan, *A era da turbulência, as aventuras em um novo mundo* (Rio de Janeiro: Campus, 2007) foi recentemente traduzido. (Nota da *IHU On-Line*)

do Fed, ele dizia que a bolha deveria ser curada só depois que ocorresse o estouro e não antes. Eu diria que os críticos às vezes são muito lenientes no período de êxito e muito duros no período da derrocada. Então, o Greenspan de fato é um liberal no sentido econômico, pois ele achava que o mercado acabava se acomodando, o que não aconteceu. O fato é que ele preferiu não se utilizar de certos instrumentos que eram mais intervencionistas, como o aumento da margem requerida para as operações e a intervenção no mercado de derivativos, por exemplo. Essa leniência contribuiu muito para que a bolha se formasse na proporção que ela acabou assumindo. De fato, é claro que teremos uma discussão muito longa nos próximos anos a respeito da re-regulamentação. Muitos acham que é melhor não re-regulamentar, porque isso impediria que a economia tivesse o dinamismo que realmente teve.

IHU On-Line - Esses picos altos e baixos demonstram que a principal economia do mundo está enfraquecendo e perderá continuamente mais espaço para a China e o mercado asiático?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Nós ainda não temos elementos para fazer um julgamento mais preciso dos efeitos da recessão americana no mercado chinês e asiático. Eu diria que é um pouco otimista pensar que não vai haver impacto nenhum, até porque a China está enfrentando dois problemas simultaneamente: os efeitos da recessão americana e a inflação, que está em aceleração por conta do seu próprio papel como demandante de commodities, tanto metálicas quanto agrícolas. Os preços estão muito altos, e os chineses terão que tomar alguma providência para fazer com que a inflação caia.

Se a China tiver que enfrentar a inflação com medidas mais duras - eu não sei qual será a decisão e nem eles sabem -, nós poderemos passar rapidamente de uma estagflação para uma deflação. A concessão não concorda com o que eu digo. Eles acreditam que as commodities vão continuar por conta da demanda chinesa e, mesmo que ocorra uma desaceleração, que não irá haver uma queda tão acentuada no preço dessas mercadorias. Mas eu digo francamente que não sei, porque nós temos um componente especulativo no aumento dos preços das commodities. Quem está conseguindo se salvar da crise financeira está apostando nelas. E agora há um consenso de que as commodities são uma espécie de refúgio contra os riscos de perda, de baixa rentabilidade nos setores. Isso pode trazer, a médio prazo, conseqüências muito ruins.

IHU On-Line - O senhor disse que, na esfera financeira, o “ajustamento” dos preços dos ativos, em curso nos Estados Unidos, não irá poupar o Brasil. Sendo o mercado brasileiro dependente das exportações de commodities para os EUA, como a crise americana poderá afetar a nossa economia nacional?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Diante da gravidade dessa crise, o Brasil está numa situação bastante favorável. No entanto, não podemos nos descuidar. Eu fico muito preocupado com a possível ocorrência de uma transição muito rápida de um superávit comercial de 40 bilhões, por exemplo, para uma situação de déficit, sobretudo de déficit comercial.

Se a economia mundial entrar em recessão, o Brasil continuar crescendo e crescer acima da média mundial, com essa taxa de câmbio, que está sendo valorizada pela entrada de dólares para aproveitar o diferencial de taxas de juros ou para ser beneficiado do otimismo em relação às bolsas brasileiras, teremos uma esquizofrenia. Por um lado, a economia real sofrerá os efeitos da valorização do câmbio e da desaceleração da economia mundial, o que pode reduzir o déficit. Isso porque, se a economia brasileira começa a crescer acima da média mun-

dial, é claro que nosso superávit cairá. E também porque nossas importações, mesmo com uma taxa de câmbio melhor, irão crescer acima das exportações, como já está acontecendo de uma maneira dramática. Quando o mercado se der conta disso, a situação pode se reverter rapidamente. E a pior maneira de impedir essa situação é fazer com que a taxa de crescimento caia muito drasticamente por conta de uma subida dos juros ou de um choque cambial.

IHU On-Line - O senhor disse, no artigo “As transformações da economia capitalista no pós-guerra e a origem dos desequilíbrios globais”, que, no início do século XXI, três movimentos interdependentes promoveram profundas transformações na economia global: a liberalização financeira e cambial; a mudança nos padrões de concorrência e a alteração das regras institucionais do comércio e do investimento. Esse arranjo ainda é pertinente? Esses movimentos também contribuíram para a crise norte-americana?

Luiz Gonzaga Belluzzo - Levando em consideração os desequilíbrios globais que afetaram particularmente a economia americana e suas relações com a China, torna-se imprescindível discutir como se dará a reforma do sistema monetário e financeiro. Obviamente, um dos pontos que devem ser discutidos é a natureza da moeda internacional, que hoje é dólar. Keynes², em 1944, dizia que, se a função de moeda internacional continuasse sendo exercida por uma moeda nacional, isso levaria a desequilíbrios cumulativos e

² John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo nos *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho. (Nota da IHU On-Line)

difíceis de serem resolvidos. Enquanto os Estados Unidos foram superavitários, não houve nenhum problema com o dólar. Mas, quando eles passaram a ser deficitários, sobretudo, depois de 1971, nos primeiros déficits da balança comercial americana, o seu governo fez a desvinculação do dólar em relação ao ouro, que passou a ser unilateral. Isso funcionou razoavelmente bem para os Estados Unidos, que conseguiram expandir seu endividamento externo sem grandes riscos, ao contrário de qualquer outro país.

Esse sistema já está começando a afetar o padrão de vida dos americanos, porque o déficit e a importação de produtos chineses estão deslocando emprego de melhor qualidade, jogando uma boa parte da população americana nos escalões mais baixos da distribuição de renda. Assim, esses desequilíbrios não são apenas econômicos, mas são também sociais, ou seja, afetam diretamente a vida das pessoas. Se a recessão for muito forte e a situação da classe média piorar, há um risco muito grande de ter uma escalada protecionista.

Esse arranjo, que eu mencionei no artigo publicado na *Supremacia dos Mercados*³, está seriamente ameaçado. É muito difícil dizer qual será o encaminhamento disso, porque essa questão depende muito da política. Talvez a política externa e interna americana venham afetar muito esse arranjo.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o final do governo Bush? Algum dos candidatos à presidência norte-americana tem condições de transformar o cenário da principal economia do mundo?

Luiz Gonzaga Belluzzo - O governo Bush termina de uma forma melancólica, com uma rejeição enorme por conta, sobretudo, dos fracassos da sua política externa. Aumentou muito a hostilidade em relação aos Estados Unidos. Ele termina seu governo com um espaço e uma capacidade de in-

³ O entrevistado refere-se ao livro *Supremacia dos mercados. E a política econômica do governo Lula* (São Paulo: UNESP, 2006), organizado pelo economista Ricardo Carneiro. (Nota da IHU On-Line)

tervenção menor, tanto que houve um recuo em relação ao Irã e à Coreia do Norte.

A política externa americana, desse modo, precisa ser recomposta. Houve fracasso também nas relações com a América Latina. O Brasil de fato se sobressaiu, porque foi capaz de fazer essa mediação entre americanos, Chávez e Morales.

Eu não tenho nenhuma certeza se Barack Obama⁴ ou Hilary Clinton⁵ podem realizar uma mudança expressiva e clara na orientação da crise. Não há dúvida que nós estamos às vésperas de uma mudança, e que ninguém irá repetir as gafes do Bush.

Em relação à economia, eu vejo muitas reticências no que Obama fará, porque ele apresenta um traço ideológico e doutrinário. Eu diria que, desse ponto de vista, Hilary me parece mais sólida. O Obama está tentando agradar as várias tendências da sociedade americana e por isso mesmo fica preso a certas opiniões bastante genéricas. De qualquer maneira, dentro da sociedade americana se faz uma corrente muito forte. Há muito tempo, eu não ouço falar tanto no New Deal⁶, no Roosevelt⁷, na conquista dos anos 1930 e 1940. Então, a sociedade se move, mas não necessariamente na mesma direção na política externa ou interna. Então, não podemos traçar um quadro do que será a nova administração dos Estados Unidos.

⁴ **Barack Obama (1961)**: político estadunidense. Atualmente, senador democrata por Illinois, está concorrendo às eleições americanas. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Hillary Clinton (1947)**: política estadunidense. Atualmente, senadora democrata pelo Estado de Nova York, a esposa do ex-presidente americano Bill Clinton está concorrendo às eleições nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **New Deal**: nome dado às reformas executadas por Roosevelt nos EUA, a partir de 1933, que consagrava certa intervenção do Estado nos domínios econômico e social. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Franklin Delano Roosevelt (1882-1945)**: 32º presidente dos Estados Unidos (1933-1945), o único a ser eleito mais de duas vezes presidente. É considerada uma das figuras centrais da história do século XX. Foi um dos presidentes mais populares da história americana, tendo emergido a nação da grande depressão de 1930. (Nota da IHU On-Line)

Teologia Pública

Karl-Josef Kuschel faz 60 anos: teologia em diálogo

Paulo Astor Soethe escreve sobre a importância da obra teológica do sexagenário Karl-Josef Kuschel

POR PAULO SOETHE

O coordenador do PPG em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Soethe escreveu o artigo que segue com exclusividade para a *IHU On-Line*. Nele, afirma que “Kuschel é referência imprescindível para quem esteja atento ao diálogo entre religião e literatura, tanto do ponto de vista da teologia como dos estudos literários. Com olhar perspicaz e franco, não busca profissões de fé nas obras literárias, mas destaca nos grandes escritores a presença da religião, a tensa confrontação dos textos literários com as tradições religiosas”. Graduado em Letras Alemão-Português, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre e doutor em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), o Prof. Dr. Paulo Soethe cursou pós-doutorado na Universidade de Tübingen, na Alemanha.



Em 6 de março, o teólogo Karl-Josef Kuschel¹ completa 60 anos. Titular da cátedra de Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-Religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen, Alemanha, Kuschel é internacionalmente reconhecido, sobretudo em duas áreas: o diálogo inter-religioso entre judeus, cristãos e muçulmanos; e as relações entre teologia e literatura.

Doutor honoris causa da Universidade de Lund, na Suécia, Kuschel vem de uma tradição intelectual em que a

¹ Karl-Josef Kuschel: professor de Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen. É vice-presidente da Fundação Weltethos (Ética mundial). Sobre Kuschel publicamos dois textos. O primeiro no Cadernos Teologia Pública nº 21, intitulado *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo*, produzido pelo teólogo. O segundo, publicado no Cadernos Teologia Pública nº 23, *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, foi elaborado por Paulo Gonçalves. Ambos estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

teologia não ficou circunscrita a instituições confessionais, nem excluída do universo acadêmico “secular”. Sua atividade, inserida no âmbito do que chamaríamos uma “teologia pública” - hoje a expressão nos diz muito -, repercute em meios eclesiais, mas também no universo acadêmico e cultural não-religioso. A presença frequente na mídia e sua atividade editorial (como diretor da série *Religião e estética* da Ed. Grünewald, por exemplo) associam-se à autoria de mais de 40 livros e centenas de artigos, em uma produção, sobretudo, acadêmica, mas também voltada ocasionalmente a um público mais amplo.

Em continuidade e aprofundamento de livros anteriores, desde *Discórdia en la casa de Abraham. Lo que separa y lo que une a judíos, cristianos e musulmanes* (Ed. Verbo Divino, Estella/Navarra, 1996), Kuschel apresentou em sua obra mais recente, com 683 páginas na edição original alemã, uma síntese teológica dos

fundamentos para o diálogo entre as grandes religiões monoteístas: *Judeus - cristãos - muçulmanos: origem e perspectiva* (Ed. Patmos, Düsseldorf, 2007). O teólogo propõe e exerce nessa obra a prática de um “ecumenismo abraâmico” em que “não se pode mais pensar isoladamente no bem da Igreja, da Sinagoga ou da Umma”: agora, cabe ficar “atento, sem indiferença, ao destino dos demais ‘irmãos’” (p. 609). Não se trata, segundo Kuschel, de ignorar diferenças, “mas tornar passíveis de entendimento mútuo, em um espírito benéfico, as pretensões de verdade sustentadas em cada uma das religiões, irreduzíveis a uma só” (p. 608). Vice-presidente da Fundação de Ética Mundial (Stiftung Weltethos) desde 1995, Kuschel desenvolve nessa linha de trabalho atividade integrada à de seu antigo mestre e atual interlocutor, Hans Küng², de quem havia sido

² Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumêni-

assistente científico por duas décadas, até 1989.

De outra parte, Kuschel é referência imprescindível para quem esteja atento ao diálogo entre religião e literatura, tanto do ponto de vista da teologia como dos estudos literários. Com olhar perspicaz e franco, não busca profissões de fé nas obras literárias, mas destaca nos grandes escritores a presença da religião, a tensa confrontação dos textos literários com as tradições religiosas. Kuschel não incide na manipulação da literatura com fins religiosos, nem na obtusidade de quem ignora, na produção literária consagrada, o elemento religioso. Seu princípio é deixar os autores falar - na dicção que lhes cabe: a literária. E só então posiciona-se como teólogo e interlocutor. Para ele, as grandes obras de arte, por seu caráter livre e indeterminado, e por sua capacidade de representar a multiplicidade da existência humana, podem colocar o homem em contato intenso com o que está para além dele. Na verdade, é instável e irredutível que essas obras representam (a verdade de vidas humanas em sua graça e mistério, mas também em sua não rara tragicidade) a verdade divina presente sob a forma parcial que cabe ao homem apreender. Kuschel, ao ouvir os escritores, entrega-se a um exercício anunciado e criterioso de teologia intercultural: não pretende incorrer em falsa estetização da religião nem em sacralização da arte. As experiências religiosa e estética preservam cada qual sua especificidade e valor próprio, e iluminam-se reciprocamente, em uma relação nem sempre pacífica de afirmação e crítica. Esse norte é seguido até as publicações mais recentes, como *Deus adora esconder-se: esboços literários de Lessing a Muschg* (Ed. Grünewald, Mainz, 2007).

Ciente do valor e força da literatura da América Latina para suas reflexões,

ca. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. É presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Na edição 240 da IHU On-Line, de 21-10-2007, *Projeto de Ética Mundial. Um debate*, pode ser conferida a entrevista *A dignidade em primeiro plano, a base da moral do Weltethos*, concedida pelo teólogo. O material está disponível na nossa página eletrônica (WWW.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

“Kuschel é referência imprescindível para quem esteja atento ao diálogo entre religião e literatura, tanto do ponto de vista da teologia como dos estudos literários”

Kuschel também dedicou atenção a alguns autores de nosso continente, como Jorge Luis Borges³, Augusto Roa Bastos e Mario Vargas Llosa, este último com *La guerra del fin del mundo*, sobre o trágico episódio da Guerra de Canudos - um dos emblemas da fé popular e da crise de modelos religiosos em nosso país.

Na tradição teológica, Kuschel recorre nessa área em especial a Romano Guardini⁴ e Paul Tillich⁵, para partilhar com eles a convicção de um caráter de revelação ou antecipação presente na arte. Constata na literatura contemporânea o papel central da descoberta do ser humano como ser insondável, em constante situação de risco e de incerteza, por conta da própria liberdade. As atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, a ameaça ao meio ambiente e à vida, a inexorável consciência em relação à culpa do gênero humano e à fragilidade da pátina de civilização que recobre nossas relações sociais,

3 Jorge Luis Borges (1899-1986): escritor e poeta argentino. Borges foi tema de capa da edição 193, de 28-8-2006, intitulada *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da IHU On-Line)

4 Romano Guardini (1885-1968): teólogo, filósofo, pedagogo e literato italiano. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930, quando o Terceiro Reich impediu suas atividades docentes. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas, *De la mélancolie*, traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache (Paris: Points, 1953) e *La Fin des temps modernes* (Paris: Seuil, 1952). (Nota da IHU On-Line)

5 Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6. ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, poder e justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

políticas e econômicas - eis os fatores que ensombrecem a dicção literária de nosso tempo. Sem esquivar-se a isso, Kuschel pode concluir, no entanto, com o olhar do teólogo, que ao fim desse percurso resta muito mais que misantropia e indiferença. A paisagem obscura delineada em muitas obras serve para aguçar a pergunta sobre o sentido e legitimidade da Criação.

Kuschel mostra-se capaz de atender a um público leitor que em geral se vê frustrado por um discurso religioso e teológico atenuador: sua obra aborda com coragem o problema do sofrimento humano e do desespero diante de sua aparente absurdidade. É certo que atitudes defensivas por parte das igrejas, diante do avanço do pensamento ateísta, tiveram como consequência indesejada o cultivo da imagem de um Deus entronizado: intocável, severo e isento diante da história e da vida dos homens. E é certo que a teologia do amor de Deus e de Sua compaixão com a criatura vem reparar essa distância, no mundo cristão, e trazer uma contribuição inestimável, não só para a ação pastoral. Mas não se pode esquecer, por outro lado, o fato inegável de que ainda hoje, diante de situações extremas e aparentemente absurdas de sofrimento injusto, a teologia do amor e da cruz fazem apenas aguçar o problema da teodicéia, e não solucioná-lo de forma definitiva. Se o sofrimento é decorrência da liberdade da criatura, e se nessas situações o amor de Deus se faz sentir de maneira mais intensa, não se exclui que tal argumentação soe cínica para quem sofre. Kuschel se pergunta sobre a plausibilidade de falar no sofrimento vivido em Auschwitz como consequência do amor de Deus e da liberdade que Ele concede à criatura. E lança aí sua dúvida diante de soluções que, levadas ao extremo, colocariam Deus “em um nível ético inferior ao de qualquer pai ou mãe que

respeitam a liberdade de seu filho, mas que tudo fariam para livrá-lo de situações de infelicidade extrema”.

Em inúmeras análises literárias, o teólogo procura um caminho reflexivo pelo qual se possa fugir ao ateísmo, mas também a uma teologia indevidamente apaziguadora. Sua reflexão enfrenta problemas como o da atitude de protesto contra Deus - tema freqüente na literatura deste século - e entende tal atitude como consideração última diante do Criador, expressão radical de clamor pela justiça divina, embasado na experiência histórica de fé e de confiança em Deus, projetada para o futuro.

O esboço de uma “teopoética”, de um “dizer bem” teológico, remete-se em Kuschel a uma recomendação de Karl Rahner⁶ quanto à sensibilidade lingüística necessária para o exercício de reflexão nesse campo. Para se dar expressão à “silenciosa insondabilidade” de Deus, não há outro instrumento

⁶ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo, 1939), *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra, 1941), *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia, 16 volumes escritos entre 1954 e 1984), e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé, 1976). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso fundamental da fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da IHU On-Line)

“Kuschel, ao ouvir os escritores, entrega-se a um exercício anunciado e criterioso de teologia intercultural: não pretende incorrer em falsa estetização da religião nem em sacralização da arte”

para a teologia senão a linguagem. E esse desafio a teologia o tem em comum com a literatura moderna: utilizar a linguagem para conferir dicção à impossibilidade de dizer plenamente. Teologia e literatura partilham a confiança na linguagem - mas enquanto instrumento de articulação da consciência das limitações dessa mesma linguagem. Eis o aprendizado que a teologia pode intensificar em si a partir do convívio com a literatura: como formular a falta de ciência plena, fundamento e resultado de toda a dicção sobre Deus; como expressar o fato de que não se dispõe do “objeto” de que se fala; como expressar que aquilo de que se fala é, afinal, inefável. Trata-se aqui de uma conclamação aos teólogos, no sentido de que seu dizer preserve o mistério de Deus, a irredutibilidade do Criador a fórmulas e normas pálidas.

Em sua obra, pautada pela reflexão sobre a diversidade religiosa, Kuschel não prescinde da identidade cristã. Ao analisar diversas obras literárias, em compêndios volumosos como *Jesus na literatura universal. Balanço de um século em textos e apresentações* (Ed. Patmos, Düsseldorf, 1999), revela que para muitos escritores do século XX, Jesus Cristo é representado como arquétipo de uma humanidade inconformista, rebelde e provocativa; que o Filho surge como instância reveladora da discrepância entre o ideal e uma realidade muitas vezes miserável; e que não é “apreensível” de forma plena, escapando a toda representação direta e redutora. Jesus, relido e novamente representado pelos escritores modernos, conserva a força já presente nos Evangelhos. Incorpora

como nenhum outro, também na literatura, a dialética entre impotência e força, fracasso e vitória, derrota e grandeza.

Desde o surgimento da edição brasileira de trabalhos de Kuschel no volume *Os escritores e as escrituras no Brasil* (Ed. Loyola, São Paulo, 1999), o nome do teólogo é referência constante em trabalhos sobre literatura e teologia, arte e religião. Sua visita à América do Sul, por ocasião do lançamento do livro, na época, pode ser considerada o marco inicial da integração de pesquisadores brasileiros em torno dessa área do saber. A iniciativa conjunta de colegas no Brasil, no Chile e na Argentina, resultou em abril de 2007 na fundação da ALALITE, Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia, atualmente com sede em Santiago do Chile.

É de esperar que outras obras de Kuschel - para além de importantes trabalhos seus publicados recentemente pelo IHU, relacionados ao diálogo inter-religioso e os direitos humanos, e sobre pontos comuns e divergências entre Hans Küng e Bento XVI - ainda venham encontrar eco na cena intelectual brasileira. Há muito que ser traduzido.

Após a importante visita de Hans Küng ao Brasil, em outubro de 2007, antecedida de viagens à Colômbia e ao México, é de esperar que também Kuschel retorne em breve, no interesse do projeto de Ética Mundial, que ambos conduzem na Fundação homônima, em Tübingen.

Por ora, cabe saudar Karl-Josef Kuschel pelo cumprimento dos 60 anos! E esperar que continue sua obra e o diálogo com a América Latina.

Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Arteplex, do Shopping Bourbon.

Sangue negro

Ficha técnica

Título Original: There will be blood

Diretor: Paul Thomas Anderson

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 minutos

Ano de lançamento: 2007 (EUA)

Elenco: Daniel Day-Lewis, Dillon Freasier e Paul Dano

Resumo: Daniel Plainview é um explorador de petróleo que chega a uma nova comunidade, em que precisa dividir as atenções com um pastor, Eli Sunday. O conflito é mote para mostrar a conquista de petróleo na virada do século XIX para o século XX nos Estados Unidos.

Cobiça e vazio

POR ANDRÉ DICK

Sangue negro, de Paul Thomas Anderson, foi um dos indicados ao Oscar de melhor filme em 2008, e não por acaso. Desde seus minutos iniciais, com um silêncio interrompido apenas pela estranha música de Jonny Greenwood, guitarrista do grupo Radiohead, trata-se de um tipo de cinema que andava esquecido em Hollywood: lento, simétrico, mas de forte impacto emocional. Não são necessários muitos diálogos - o que é raro no cinema atual - para que o espectador se sinta interessado pela trama apresentada, sobretudo na primeira e silenciosa meia hora.

Baseado no livro *Oil!*, de Upton Sinclair, o filme também recupera a carreira de Paul Thomas Anderson, que depois de *Boogie nights* e *Magnólia*, duas obras de rara qualidade, caiu no maneirismo de movimentar a câmera como se quisesse dar um impacto a cada seqüência, provocando, na maioria das vezes, sono

no espectador, como no fraco *Embriagado de amor*. *Sangue negro* parece, em relação a este, filme de outro diretor, ou melhor, do realizador de *Magnólia*: alguém capaz de contar uma história com raro talento e se utilizar do talento de excelentes atores para atingir seu objetivo. Daniel Day-Lewis, por exemplo, no papel de Daniel Plainview, o prospectador que chega, no início do século XX, a comunidades para escavar poços de petróleo e trazer riqueza, de preferência para seu próprio bolso, está em seu melhor momento na carreira e recebeu seu segundo Oscar de melhor ator (o primeiro havia sido em 1990, com *Meu pé esquerdo*).

Plainview é acompanhado pelo filho, a quem chama de H.W. (Dillon Freasier). Eles são procurados para explorar uma região que tem um potencial petrolífero, no Oeste dos Estados Unidos. A questão é que nela há uma família com um

rapaz que aspira a ser pastor, Eli Sunday (Paul Dano, numa bela interpretação). A partir disso, o mote de todo o enredo se dirige a um conflito básico entre capitalismo e religião, o qual poderia ser sumariamente previsível, tratando da divisão entre alma e materialismo. Acaba ficando nas mãos do pastor Eli querer converter o explorador. Este conceito revela um lugar-comum, por sinal, e Anderson não sabe, a princípio, administrá-lo, mas ainda assim o filme tem uma atmosfera tão forte que nos esquecemos desse maniqueísmo. Isso porque se conclui, a partir de determinado momento, que o cineasta pretende mostrar que as concepções de religião e de capitalismo estão cercadas por um profundo desespero em relação à realidade humana. Ambas se constroem, muitas vezes, lado a lado - a exploração de petróleo é feita ao mesmo tempo em que uma casa é construída para abrigar seguido-

“Num mundo liderado por homens, no qual as mulheres saem da mesa para que os homens possam falar de negócios, e dominado pelo dinheiro e pela cobiça, os planos longos e a fotografia de Robert Elswit, premiada justamente com o Oscar, mostram o vazio de um universo que não pode ser transformado e não se regenera”

res do pastor, na única seqüência mais iluminada do filme, caracterizado por cores escuras -, incluindo até a maneira como entendemos a violência que atinge os principais personagens. Ou seja, parece não haver sossego nem na imagem de um Deus protetor capaz de ajudar o indivíduo a escapar de seus problemas, aqueles que o capitalismo finge encobrir.

Todos os elementos de *Sangue negro* ajudam a confirmar essa idéia. Num mundo liderado por homens, no qual as mulheres saem da mesa para que os homens possam falar de negócios, e dominado pelo dinheiro e pela cobiça, os planos longos e a fotografia de Robert Elswit, premiada justamente com o Oscar, mostram o vazio de um universo que não pode ser transformado e não se regenera. Esse vazio é cercado pela incomunicabilidade entre os homens, representada pela relação de Plainview com seu filho, que sustenta boa parte da trama e eclode perto do final, e com o homem que surge dizendo ser seu irmão. A única relação explícita do filme acaba se baseando apenas exatamente na falsidade, seja na tentativa de o desbravador de dinheiro ser salvo pelo pastor, que, posicionado como um profeta, sabe apenas fazer o espetáculo, mas não curar quem está ao seu lado, seja na figura de executivos com o objetivo de destruir famílias fingindo querer ajudá-las. É muito interessante, sob esse ponto de vista, o momento em que o pastor pede a Plainview para abençoar o poço de petróleo, como se fosse o responsável por trazer dinheiro a uma região pobre.

Em *Sangue negro*, uma pergunta constante é: o que é pecado? Devemos nos basear numa idéia divina para tentar nos salvarmos? Anderson - como responsável também pela adaptação do roteiro, ou seja, trata-se de uma obra *autoral* - parece cético em relação a esta escolha. Para ele, o perdão está

ligado a conquistar dutos subterrâneos para fazer escoar melhor o petróleo. O crescimento de uma comunidade imersa no pecado é representada por escolher sempre entre a religião e o dinheiro, e ambas as escolhas parecem condenadas. Diante disso, nos perguntamos: para Anderson, se existe um mal, ele está de que lado? De quem quer salvar o outro sob a premissa de se manter como profeta ou de quem anuncia a prosperidade aos quatros ventos quando quer apenas enriquecer? Anderson também é cético em relação à idéia de família. Se há uma espécie de união entre familiares, é porque há algo que justifique financeiramente essa união. No caso de Plainview, ele apresenta seu filho como uma relíquia para obter um bom olhar sobre ele mesmo, um prospector interessado apenas no dinheiro.

Plainview e Sunday são figuras controvertidas exatamente porque não sabemos de que lado estão: suas ações, em determinado momento, se misturam e o vazio que os acompanha parece contaminar as pessoas que os cercam. São personagens delineados, no fim das contas, com uma complexidade quase ausente na cinematografia recente e se intensificam, sobretudo com a cena do batismo, sobre a qual não se pode dar detalhes, mas que revela a verdadeira intenção de *Sangue negro*. O fracasso pessoal desses personagens não representa, porém, o fracasso das condutas que os conduzem: exploradores de petróleo também construíram a América, com seus prós e contras, e a religião, que oferece um sentido à vida de muitas pessoas, também continua cada vez mais presente no dia-a-dia. No caso, os personagens representados em *Sangue negro* representam a si próprios e não a todo um sistema com os quais parecem se confundir, a não ser que caiamos no maniqueísmo.

Como cinema, de alto nível, *Sangue negro* passa, ao mesmo tempo, a ser um

referencial potente de imagens elaboradas com um cuidado raríssimo. O Oeste americano é retratado, nesse vazio, com suas longas planícies e por bosques vazios, numa melancolia que lembra a de *Os imperdoáveis*, de Clint Eastwood. O céu azul, em muitas imagens, parece confrontar a terra crua, como no momento em que o pastor se dirige a Plainview e passa por um lodaçal que o reflete. A música de Greenwood, por sua vez, acaba tomando contornos dramáticos, quando quer dar um encerramento a conflitos baseados no dinheiro e nas trocas comerciais. E a câmera de Anderson, que em outros filmes caía num certo maneirismo, parece sempre pronta a fazer com que as ações dos personagens se intensifiquem. Por isso, a importância também do cenário vazio. A cena inicial, que mostra Plainview querendo descobrir jóias, mostra uma dedicação solitária digna de alguém que deseja, como um religioso, dar um sentido determinado à sua vida, e essa solidão, de certo modo, é ininterrupta mesmo quando ele tem dezenas de homens trabalhando para o seu crescimento.

Com todos esses aspectos, há uma complexidade maior do que aquela primeira premissa (a do conflito ente religião e capitalismo), que está evidente e parece até óbvia. Diante da violência da última seqüência, de um impacto visual e emocional potencializado pelas atuações de Day-Lewis e de Paul Dano, num dueto fantástico, no entanto, o sangue que parece escorrer não tem contornos definidos, é apenas neutro, como se o maniqueísmo fosse superado por uma reflexão mais contundente. *Sangue negro* pergunta ao espectador, a cada minuto, e isso é visível na parte final, por que o homem costuma se afastar de um de seus eixos centrais: a tentativa de compreender. A resposta, como sempre, nunca traz soluções, e é por isso que o filme perturba tanto o espectador.

Memória

Hugo Assmann (1933-2008)

“Hugo Assmann é um dos teólogos mais profundos da Teologia da Libertação”

O irmão Antonio Cecchin fala de sua amizade com Hugo Assmann e da herança que o padre deixou para a Igreja latino-americana

POR GRAZIELA WOLFART

Antônio Cecchin é graduado em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Ciências Jurídicas e Sociais. Especialista em Economia e Humanismo no IRFED de Paris, ele já trabalhou como diretor do Colégio Marista São Luís, em São Leopoldo, como Coordenador da Equipe de Catequese Libertadora do Regional Sul-3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), como Secretário particular do Promotor Geral da Fé, no Vaticano, e como assessor do MST, enquanto esse estava ligado às Comunidades Eclesiais de Base (de 1979 a 1984). Cecchin já nos concedeu outras entrevistas. A mais recente, em 11-06-2007, “Os pobres me evangelizaram”, foi publicada na edição 223, intitulada Paulo Freire. Pedagogo da esperança.

Sobre a vida e obra de Assmann, publicamos no sítio do IHU os artigos “Hugo Assmann: teologia com paixão e coragem”, de Jung Mo Sung ; “Hugo Assmann (1933-2008)”, de João Batista Libânio ; e “Da teologia da libertação à educação para a esperança”, de Juan José Tamayo.

IHU On-Line - Como era a pessoa de Hugo Assmann, sobretudo as características de sua personalidade? O que o senhor mais lembra do convívio com ele?

Antonio Cecchin - Ele era uma pessoa muito forte, de uma inteligência muito lúcida. Foi muito corajoso sendo um dos precursores da Teologia da Libertação, antes de ela ser consagrada com esse nome, que foi dado depois pelo Gustavo Gutiérrez¹, no

ano de 1971. Já em 1964, 1965, padre Hugo já estava nos dando essa nova visão a partir, inclusive, da CNBB. Lá, eu trabalhava com ele. Eu cuidava do setor de catequese e ele do setor de liturgia. Padre Hugo foi pároco também da Igreja Mont’Serrat, em Porto Alegre, e, por causa da posição teológica dele, acredita-se que os inimigos incendiaram a igreja que ele cuidava. Logo depois, ele fez o projeto da nova igreja em que ele era pároco. Como pessoa, ele era muito dado, grande amigo, mas com uma

personalidade forte. Tinha uma conversa muito agradável, gostava do chimarrão e de uma caipirinha. Era uma pessoa de muita alegria. No entanto, foi perseguido no “templo e no pretório”, como se costuma dizer. Ele precisou sair de Porto Alegre por causa das suas visões avançadas dentro da Igreja e depois teve que fugir do Brasil na véspera dos anos de chumbo. Eu e minha irmã colaboramos com ele na compra de alguns objetos, como uma eletrola, para ele poder ter um dinheirinho a mais e sair do Brasil.

¹ Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde, participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. (Nota da *IHU On-Line*)

“Como pessoa, ele era muito dado, grande amigo, mas com uma personalidade forte”

“Ele era uma pessoa muito forte, de uma inteligência muito lúcida. Foi muito corajoso sendo um dos precursores da Teologia da Libertação”

“Para mim, o meu pai na Teologia da Libertação, porque aprendi tudo com ele, foi Hugo Assmann”

“Hugo Assmann se firmou dentro de uma polêmica muito forte com os catequistas europeus. Ele conseguiu dar uma definição do que seria para nós, latino-americanos, a catequese libertadora”

IHU On-Line - Além de ter sido um dos precursores, qual é a importância de Assmann para a Teologia da Libertação e sua maior contribuição para a Igreja latino-americana?

Antonio Cecchin - Hugo Assmann é um dos teólogos mais profundos da Teologia da Libertação. Antes de ela existir com esse nome, ele escreveu sobre teologia do desenvolvimento, ao lado de outro teólogo, José Comblin², que escreveu um livro sobre teologia da revolução³, e Rubem Alves⁴, que escreveu sobre a teologia da esperança⁵. Então, eram todos títulos para uma nova teologia que estava sendo “parida” entre os teólogos latino-americanos, quando veio Gustavo Gutiérrez, com sua tese, firmando esse nome: Teologia da Libertação. Mas, para mim, o meu pai na Teologia da Libertação, porque aprendi tudo com ele, foi Hugo Assmann. Eu estive com ele em Medellín⁶ uma semana antes do famoso encontro da Assembléia dos bispos. No mesmo local, fizemos o Congresso Internacional de Catequese, onde estiveram todos os diretores dos grandes institutos catequéticos europeus, norte-americanos, canadenses, latino-americanos. E aí, então, Hugo Assmann se firmou dentro

2 Joseph Comblin: padre belga, teólogo, trabalha no nordeste brasileiro. Foi expulso do Brasil pela ditadura. Escreveu, entre outros, *A ideologia da segurança nacional: O poder militar na América Latina* (3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980) e *A liberdade cristã* (Rio de Janeiro: Vozes, 1977). Confira uma entrevista com Comblin na 213ª edição da revista *IHU On-Line*, de 26 de março de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

3 Joseph, Comblin. *Théologie de la Révolution* (Paris: Universitaires, 1970). (Nota da *IHU On-Line*)

4 Rubem Alves (1933): psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, é autor de livros e artigos abordando temas religiosos, educacionais e existenciais, além de uma série de livros infantis. (Nota da *IHU On-Line*)

5 ALVES, Rubem. *A Theology of Human Hope*. Washington: Corpus Books, 1969. (Nota da *IHU On-Line*)

6 Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da *IHU On-Line*).

“Como sacerdote, padre Hugo Assmann foi para São Paulo, exatamente pelas idéias avançadas que ele tinha”

de uma polêmica muito forte com os catequistas europeus. Ele conseguiu dar uma definição do que seria para nós, latino-americanos, a catequese libertadora. Falamos das comunidades eclesiais de base e da evangelização desse povo pobre, simples, latino-americano. As conclusões desse encontro internacional de catequese foram, logo em seguida, aproveitadas no documento oficial dos bispos. Trata-se do documento da catequese da Assembléia de Medellín.

IHU On-Line - Como era a convivência de Assmann, em Porto Alegre, com o então arcebispo Dom Vicente Scherer?

Antonio Cecchin - A convivência não foi nada fácil. Como sacerdote, padre Hugo Assmann foi para São Paulo, exatamente pelas idéias avançadas que ele tinha. Mesmo como catequista, numa linguagem mais de evangelização, de educação da fé, eu também tive problemas muito sérios com Dom Vicente Scherer⁷. Por isso, Padre Hugo saiu do Rio Grande perseguido pelo templo, ou seja, pela Igreja, e depois pelo pretório, como eu já disse, pelos anos de chumbo, que o obrigaram a sair correndo do Brasil, quando foi para Montevideu, e depois para a Europa.

7 Dom Vicente Scherer (1903-1996): cardeal brasileiro. Dom Vicente Scherer foi ordenado padre em 1926, em Porto Alegre. Recebeu ordenação episcopal em fevereiro de 1947. Entre os anos de 1946 e 1981, foi arcebispo de Porto Alegre. A obra *Dom Vicente Scherer, a voz de um Pastor* (Padre Réus: 2007), do padre Eduardo Moesch, consiste em sua tese de doutorado em Teologia e História defendida junto à Universidade Gregoriana em Roma. Como subsídio, foram utilizadas as alocações em “A voz do Pastor”, publicadas de 1961 a 1989 no jornal *Correio do Povo*. (Nota da *IHU On-Line*)

Invenção

Editoria de Poesia

Claudia Roquette-Pinto

POR ANDRÉ DICK

Nascida no Rio de Janeiro, em 1963, Claudia Roquette-Pinto graduou-se em Tradução Literária, pela PUC-Rio. Além disso, dirigiu, de 1985 a 1990, o jornal cultural *Verve* e tem cinco livros de poesia publicados. Em *Os dias gagos* (Rio de Janeiro: Ed. Da Autora, 1991), livro de estréia, Claudia lidava com o verso livre e com o verso metrificado e com rimas. Já em *Saxifraga* (Rio de Janeiro: Salamandra, 1993), ela escolhe o caminho das elipses e dos cortes abruptos, dialogando com obras de pintura (de Monet, Edward Munch e Frida Kahlo, por exemplo) e trazendo imagens botânicas de grande desenvoltura - um dos poemas é, inclusive, dedicado a Manoel de Barros. Também se nota uma tendência a uma poesia com sensibilidade corporal, como se percebe no poema “ele:”: “ímã: rege o lapso dos planetas. enigma de camiseta. espelho de onde goteja o meu corpo. dia a dia. proscrito das nuances. naufrago da lua. comparsa de uma fuga, aqui a estrada bifurca: toma aquela onde um casal, surpreso, olha pra trás”.

Há uma mescla entre os ganhos desses dois livros em *Zona de sombra* (Rio de Janeiro: 7Letras, 1997), no qual Claudia opta por um equilíbrio entre as elipses e o encadeamento sintático, privilegiando, inclusive, a forma do poema em prosa em muitos momentos, num diálogo com os simbolistas. Volta a dar espaço para imagens calcadas na natureza e no corpo, evitando, por outro lado, a descrição realista,

ou seja, Claudia lança um pouco de brumas sobre seus versos, a fim de que o leitor não consiga desvendá-los por completo, como na terceira parte de “cinco peças para silêncio”: “corpo deitado ao silêncio / sob o sol, exposto / ao incêndio de outro rosto / todo ele ateasse / surgindo, vertiginoso, / das cinzas do gozo, em nudez / assim a palavra retorna / à sua íntima forma”. A sintaxe continua ganhando cada vez mais espaço na construção de poemas do livro seguinte, *Corola* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2001 - Prêmio Jabuti de Poesia/2002), evidenciando uma atração pelas imagens de flores de um “hipotético jardim”, como em Drummond. No entanto, essas escolhas aguardam algo mais de interno. Claudia parece partidária, assim, da “rosa nas trevas” de Mallarmé, e suas plantas organizam um mundo que pode está entre a sensibilidade e o caos, definidos por meio da musicalidade.

Antes voltada às imagens mais abstratas, Claudia, em *Margem de manobra* (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005 - finalista do Prêmio Portugal/Telecom/2006), opta por uma poética longe de óbvia, mas mais interessada em analisar a violência e o isolamento social. Estes elementos, no entanto, como nos demais livros, são cercados pelo embate do sujeito com a solidão, o que inclui a tensão poética e amorosa. Um poema representativo dessa nova etapa em sua trajetória é “Morro”, focalizando uma espécie de estado de sítio no Rio de Janeiro:

“Os carros, no viaduto, engatam sua centopéia: / olhos acesos, suor de diesel, / ruído motor, desespero surdo. / O sol devia estar se pondo, agora / - mas como confirmar sua trajetória / debaixo desta cúpula de pó, / este céu invertido? / Olhar o mar não traz nenhum consolo”. No poema “Em Saravejo”, por sua vez, escreve, retratando a violência: “Quando a vi, ali, distraída, / na escada do ônibus escolar, / nada me preparou para suas pernas abertas, / no meio a flor dilacerada / repetindo, entre as coxas, / o buraco da bala no peito: / um *dois pontos* insólito”. E em “Granada” parece sintetizar a violência dos dias atuais: “Quando as palavras finalmente se apresentam / (ruídos, balbucios), / estremunhadas em meio ao motim, / sob impacto de granada (sua fala), / o sonho explode”. Ao mesmo tempo, Claudia continua sob influência do diálogo com a pintura, na seção “No agora da tela”.

Claudia teve poemas traduzidos para o inglês, o espanhol, o francês e o alemão, e incluídos em diversas antologias e publicações nacionais e internacionais. No momento, está trabalhando em um livro de prosa infanto-juvenil, preparando um próximo livro, de poemas em prosa, e pesquisando a linguagem do grafite e suas relações com a poesia. Mora no Rio de Janeiro, com seus filhos Pedro, Bruno e Luisa. O poema inédito que ela enviou especialmente à *IHU On-Line* é “Parada de Lucas”.

Parada de Lucas

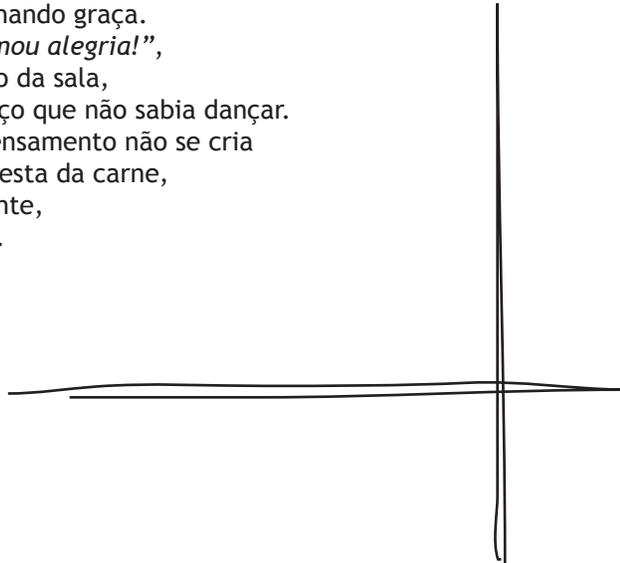
De volta ao mundo das idéias claras
onde uma amendoeira é outra vez um incêndio
vizinho de outro incêndio
na vertigem da estrada.
Do viaduto as casas se esfumam
na poeira solar em que flutua
o descaso ou o torpor
de mais uma tarde de subúrbio.
Os pára-choques dos caminhões
ensaíam previsões em aberto:

Nova União Faísca Mercúrio

enquanto num *outdoor* veloz
um pedaço de barriga
anuncia o Caldeirão do Funk
- onde todos os desejos se misturam,
a sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca,
salão de sangues misturados,
tão Brasil!

E ela volta em pensamento
ao velho terreiro aberto,
ao chão de lodo e metal,
repleto de negros
jovens belos
de calça jeans e peito nu
(os das moças tremem luzindo,
escapulindo pelo decote,
bundas levitam, sacodem
num frenesi de candomblé).
O negro que passa num *bonde*,
pensando que ela é gringa
grita, fazendo bico, pra loura dançando ali sozinha:
"You're beautifuuuuul!!!"
E a menina séria, olhos doídos,
reencontra essa mulher desabrida
- ela mesma, 30 anos depois -
rolando, descalça,
entre os braços dos crioulos

no meio do batidão.
As caixas de som ensurdecem,
a percussão inebria,
às vezes são rajadas de metralhadora
*(se rolar tiroteio lá fora
ninguém vai saber qual é qual)*.
Os corpos se encostam, aproximam,
ninguém precisa dizer nada.
Um rapaz lindo, quase nu,
rosto escuro, gorro escarlate,
sobe no palco e improvisa
seu *torom dom dom*.
De repente, lá da pista, um sujeito grita:
“*Aí, Saci!*”
e a mulher sorri, ao lado do antropólogo tímido
que segura bolsa e sandálias,
e não deixa que os outros homens cheguem perto demais.
Os jornalistas de São Paulo
parecem meio desanimados
mas a atriz de porcelana e arminho,
essa até que rebola bem...
A mulher, vertiginosa,
dança para esquecer o próprio nome,
dança para chegar ao que importa
- liquefazer na multidão.
A menina, a essa altura,
já está até achando graça.
“*É que ela tomou alegria!*”,
grita, do fundo da sala,
o poeta dentuço que não sabia dançar.
Nesta terra pensamento não se cria
- aqui, nesta festa da carne,
o sangue urgente,
todo pulsação.



Destaques On-Line

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line disponíveis nas notícias do dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 03-12-2008 a 09-12-2008.

Salas de bate-papo da internet: a linguagem para além do corpo humano

Gabriel de Ávila Othero

Confira nas Notícias do Dia 25-02-2008

Gabriel de Ávila Othero, doutorando em Lingüística, pela PUC-RS, comenta que as conversas na internet possibilitam que a língua-padrão conheça outras formas de linguagem. Em seus estudos, ele tem o intuito de desvendar as relações cada vez mais próximas entre o humano e o computador, como meio de linguagem.

A relação entre a comunicação e a governabilidade na América Latina

Orlando Villalobos

Confira nas Notícias do Dia 26-02-2008

Para o professor venezuelano Orlando Villalobos, da Universidad Del Zulía, o exercício do jornalismo se tornou um risco. Ele argumenta que isso se ocorre porque os governos são muito sensíveis à crítica e a denúncia.

Combate à seca no semi-árido e a transposição do São Francisco: o desenvolvimento sustentável da região é possível.

Roberto Marinho Alves da Silva

Confira nas Notícias do Dia 27-02-2008

Uma convivência com o semi-árido requer uma gestão comunitária para garantir o uso sustentável da água, explica o pesquisador Roberto Marinho Alves da Silva, doutor em Desenvolvimento Sustentável, pela Universidade de Brasília (UNB). Ele acrescenta que essa medida possibilitará o abastecimento humano e a produção apropriada, sem degradar os mananciais hídricos da região.

‘Eu mesmo, de certa forma, já sou uma espécie de ciborgue’

Richard Dulley

Confira nas Notícias do Dia 28-02-2008

Para o pesquisador Richard Dulley, do Instituto de Economia Agrícola (IEA), as nanotecnologias poderão gerar muitos excluídos. Para ele, o grande problema do futuro pós-humano será o acesso.

‘O PAC não se constitui num projeto para a economia do país’

Leda Paulani

Confira nas Notícias do Dia 29-02-2008

Em avaliação ao primeiro aniversário do PAC, a economista e professora Leda Paulani, da Universidade de São Paulo (USP), comenta o programa não se constitui num plano efetivo de desenvolvimento e tão pouco num projeto para a economia do país.

acesse

www.unisinos.br/ihu

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 03-03-2008
Páscoa 2008 - Um grito contra a violência Exposição: Martirológio Latino-Americano: “A Páscoa como subversão” Recepção do Instituto Humanitas Unisinos e sala 1G119
Dia 04-03-2008
O declínio do Império americano, de Denys Arcand (1986) Prof. Dr. Larry Antônio Wiezniewsky - Unijuí Cinema e Saúde Coletiva III: Mulheres e seus múltiplos desafios Horário: das 19h15min às 22h Sala 1G 119
Dia 06-03-2008
Maternidade eletrônica: a perspectiva feminina na cibercultura Profa. Dra. Adriana Braga - Unisinos Horário: 17h30min às 19hIHU Idéias Sala 1G 119
Dia 08-03-2007
Cronicamente inviável, de Sérgio Bianchi (2000) Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher - Unisinos Prof.Dr. Joe Marçal - PUCRS Páscoa 2008 - Um grito contra a violência Horário: 8h30min às 11h45min Sala 1G 119

Martírio: uma proposta de humanização espelhada em Jesus Cristo

POR BRUNA QUADROS

A violência contemporânea e a sua banalização ganham contorno ainda mais reflexivo, durante a Páscoa - paixão, morte e ressurreição de Jesus. Através da compreensão do significado desta data, é possível encontrar um caminho que leve à disseminação de uma cultura de paz. Esta busca pela libertação do mal persegue a humanidade há tempos e tem forte relação com a história de vida do Homem de Nazaré. “Só olhando para a vida de Jesus, sua cruz e ressurreição é que podemos entender o significado do martírio, uma vez que ele é o primeiro mártir, testemunho fiel da vida do Pai para toda a humanidade, testemunho vivente mesmo na morte do Reino de Deus”, afirma a teóloga Ana Formoso¹.

Neste sentido, começam a surgir outros mártires, pessoas que seguem as pegadas de Jesus até abraçar sua própria morte de forma violenta, testemunhando com seu sangue sua crença e compromisso de vida. “É mártir quem no substancial vive como Jesus, promove a causa sua causa, o reino de Deus, como boa notícia para os pobres, entra em conflito e luta contra o anti-reino, contra os poderes opressores deste mundo. Podemos dizer que os mártires são modelos de vida, que mostram opções de liberdade diante de grandes dificuldades econômicas, sociais, religiosas”, reforça Ana.

Tendo origem no conceito de

1 Ana Formoso é graduada e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Atualmente, trabalha no Programa de Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Já contribuiu na edição número 29 dos *Cadernos Teologia Pública*, publicação do IHU, sob o título *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino*. Também é professora nos cursos de Teologia Popular na Escola Superior de Teologia Franciscana (ESTEF). (Nota da *IHU On-Line*)

“É mártir quem no substancial vive como Jesus, promove a causa sua causa, o reino de Deus, como boa notícia para os pobres, entra em conflito e luta contra o anti-reino, contra os poderes opressores deste mundo. Podemos dizer que os mártires são modelos de vida, que mostram opções de liberdade diante de grandes dificuldades econômicas, sociais, religiosas”, afirma Ana Formoso

mártir, a denominação martirológio abrange homens e mulheres, testemunhas de uma vida dedicada à causa do Evangelho. “Conhecer os mártires é uma realidade teológica que necessita ser aprofundada, cruza fronteiras, indo além de seu contexto para inscrever-se no contexto histórico de uma cultura de humanização”, explica a teóloga. Dom Romero, Ignacio Ellacuria, Pe. Mugica e Irmã Dorothy Stang são alguns dos nomes que integram o martirológio latino-americano. Também fazem parte pessoas que, sem receber o dom do martírio, abrem caminhos de vida e esperança para seu povo, como o bispo equatoriano Leónidas Proaño, Dom Helder Câmara, Dom Luciano Mendes de Almeida e as mulheres que morreram na luta pelas terras no Brasil, como Dorselina Fuladorna, do Mato Grosso e Rosani Nunes, do Rio Grande do Sul.

Com o intuito de refletir sobre o significado da Páscoa, além de celebrar a memória daqueles que deram a vida, em compromisso com a humani-

zação, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove a exposição Martirológio Latino-Americano: “A Páscoa como subversão”. A mostra integra a programação do evento *Páscoa 2008 - Um grito contra a violência*, que será realizada de 03 de março a 04 de abril de 2008, na recepção e na sala 1G119 do Instituto, e visa incentivar a comunidade acadêmica a não contribuir com o mal que leva a repetir erros que necessitam ser esclarecidos e combatidos para que a vida possa ser celebrada.

Os mártires latino-americanos, ao lado de santos venerados pelas Igrejas Católica, Luterana, Anglicana, Ortodoxa e das religiões afro, ganham destaque especial na página do Instituto Humanitas Unisinos - IHU (www.unisinos.br/ihu). Com isso, busca-se, também, estreitar os laços entre as diferentes correntes religiosas, em favor da Justiça, da Paz e da Liberdade. Para essa matéria, a *IHU On-Line* também conversou com a teóloga Maria Cristina Gianni, da equipe de Atendimento Espiritual do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

A ascensão da imagem feminina: um elo para o individualismo?

Para o professor Larry Wieszniwsky, *O declínio do império americano*, de Denys Arcand, utiliza recursos simples da produção cinematográfica para montar um quebra-cabeça que divide claramente o universo feminino e o universo masculino

POR BRUNAS QUADROS

“**A** credito que existem problemas muito mais graves na sociedade contemporânea, como a paz mundial, a fome endêmica e o aquecimento global, do que a necessidade de investirmos numa espécie de partenogênese do feminino.” A afirmação é do professor e jornalista Larry Antônio Wieszniwsky, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). A discussão gira em torno da temática do filme *O declínio do império americano*, de Denys Arcand, no qual “declínio” faz alusão à perda de poder dos homens, diante da figura feminina.

A discussão fomenta o debate sobre o individualismo, num tempo em que a ciência levanta a hipótese de as mulheres gerarem sozinhas os próprios filhos. Para Wieszniwsky, a questão envolve uma diferença mais complexa entre individualismo e individuação, remetendo para possibilidades de uma vivência cultural mais integrada com os indivíduos, que articulam, em redes de comunicação, suas possibilidades e, principalmente, necessidades de relações humanas.

Larry Antônio Wieszniwsky irá explanar a temática do filme *O declínio do império americano* durante o ciclo de debates Cinema e Saúde Coletiva III: Mulheres e seus múltiplos desafios. O evento, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU - será realizado no dia 04-03-2008, das 19h15 às 22h, na sala IG 119.

Confira, a seguir, a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line:

IHU On-Line - A temática de *O declínio do império americano* gira em torno das relações entre homens e mulheres. No entanto, ao que se atribui a alusão ao império americano?

Larry Antônio Wieszniwsky - Devemos lembrar que o filme é de 1986, no auge do período Reagan e início do fim da Guerra Fria. É um título irônico, como tudo o que envolve a obra do diretor. Na verdade, o extraordinário sucesso deste filme no Brasil se deve ao fato de coincidir com o fim da ditadura, o fracasso de um possível governo de Tancredo Neves e a era Sarney, período que caracterizou o debate sobre os conceitos e efeitos de sentido da pós-modernidade. Não é à toa que o filme que deu seqüência a *O declínio do império americano* se chama *As in-*

vasões bárbaras. É uma grande metáfora sobre o início da globalização e o cinismo da chamada era *yuppie*, que caracteriza o objeto de repúdio dos personagens do filme, todos orientados ideologicamente para os mitos do socialismo utópico e das bandeiras libertárias do maio de 68.

IHU On-Line - Hoje em dia, vivemos em uma sociedade em que a imagem feminina está cada vez mais em ascensão, principalmente no campo profissional, onde assume funções antes tidas como “de homem”. Pode-se entender o declínio do império americano como a perda de poder masculino, diante desta situação?

Larry Antônio Wieszniwsky - Com certeza. O filme inteiro gira em torno da

publicação de um livro chamado “Variações sobre a idéia de felicidade”, escrito por uma feminista. A partir deste mote, o diretor especula exatamente sobre este tema do declínio do masculino, lido e analisado sob o ponto de vista das questões de gênero que caracterizam os debates travados nos últimos 20 anos. A autora do livro assemelha-se muito a Camille Paglia que, exatamente no período de lançamento do filme, arremetia contra os dogmas do feminismo, a partir de seu livro-tese *Personas sexuais*. O filme utiliza, de forma muito criativa, recursos simples da produção cinematográfica para montar um quebra-cabeça que divide claramente o universo feminino e o universo masculino, mostrando que o segundo percebe a dimensão do pro-

blema, mas prefere escamotear esta percepção com cinismo e auto-indulgência. Já as mulheres, ao contrário, assenhoram-se de seus lugares no mercado de trabalho e nas suas funções sociais, expondo com muito mais frieza e objetividade a confusão instaurada no universo masculino. Por esse viés, o filme ainda é extremamente atual e situa-se cronologicamente no início de um debate que ainda encontra-se em aberto no campo das representações sociais, bem como na questão relativa aos gêneros e seu lugar na sociedade contemporânea. O filme de Arcand é, com certeza, o arquétipo de filmes como *Sexo, mentiras e videotape* e *Closer - Perto demais*, bem como aproxima-se muito do modo narrativo da minissérie *Queridos amigos*, exibida atualmente pela TV Globo. Basta observar mais de perto o modelo narrativo adotado por Maria Adelaide Amaral para perceber o DNA de *O declínio do império americano* neste processo.

IHU On-Line - Em que medida a sociedade ganha ou perde, com a mulher à frente de múltiplos desafios, especificamente profissionais?

Larry Antônio Wiezniewsky - Não perde nada. Acredito que o espaço da mulher na sociedade e sua ocupação correspondem ao momento mais lúcido da luta da mulher, por reconhecimento e, principalmente, por garantias de um exercício profissional e social cada vez menos marcado pelo preconceito. Acredito que o lugar da mulher na sociedade contemporânea é cada vez mais fundamental, principalmente pelo modo como as questões ligadas ao gênero vêm sendo tratadas de um modo geral, agregadas a questões fundamentais da cidadania, como é o caso dos direitos humanos, para ficar apenas num exemplo genérico. O feminismo continua sendo uma das bandeiras mais importantes do período em que vivemos, por mais que a Camille Paglia não concorde.

IHU On-Line - Nos Estados Unidos, Hilary Clinton é uma das candidatas à Casa Branca. Para o senhor, qual é o reflexo desta realidade? É a hora de as mulheres mudarem a postura e almejarem a presidência de um país?

“Na verdade, o extraordinário sucesso deste filme no Brasil se deve ao fato de coincidir com o fim da ditadura, o fracasso de um possível governo de Tancredo Neves e a era Sarney, período que caracterizou o debate sobre os conceitos e efeitos de sentido da pós-modernidade”

Larry Antônio Wiezniewsky - No caso de Hilary, não, pois ela persegue um projeto político muito anterior ao próprio Bill Clinton, de certa forma, forjado enquanto personagem por Hilary. Sua postura de mártir do silêncio por ocasião do *affaire* Mônica Lewinski invalida qualquer tentativa de se levar a sério sua plataforma como candidata à presidência dos Estados Unidos. Ela é o correlato objetivo da presença de Condoleeza Rice, no governo Bush. Fica difícil vislumbrar no atual cenário americano uma mulher verdadeiramente apta a esse exercício, sem que se perceba também um enorme e gigantesco processo de manipulação na trajetória da construção desta figura. Basta lembrar-se o caso de Geraldine Ferraro, cuja possibilidade de trânsito na política foi avaliada por um marido sem-vergonha. Pessoas como Susan Sontag e a roqueira Patti Smith configuram o melhor modelo da mulher americana atual. Hilary, infelizmente, acreditou demais na própria lenda e acabará envolvida no confronto com sua arrogância e prepotência. O caminho, no entanto, está aberto.

IHU On-Line - Recentemente, a ciência levantou a hipótese de as mulheres gerarem os filhos sozinhas, o que as concederia total autonomia nas relações conjugais. Como o senhor avalia esta questão? Estamos cada vez mais próximos de uma sociedade que ruma para o individualismo?

Larry Antônio Wiezniewsky - No livro *Variações sobre a idéia da felicidade*, que aparece no filme, a idéia defendida é de que todos os impérios culturais que a humanidade criou entram em colapso, quando a idéia de auto-realização é trocada pela idéia de sobrevivência. Acredito que existem problemas muito mais graves na sociedade contemporânea, como a paz mundial, a fome endêmica e o aquecimento global, do que a necessidade de investirmos numa espécie de partenogênese do feminino. Valerie Solanas¹, uma feminista radical dos anos 1960, defendia exatamente esta tese em seu famoso SCUM (Manifesto em que propunha esta possibilidade visando à eliminação do lixo masculino da face da terra). Quando suas teses foram ignoradas, reagiu atirando em Andy Warhol, artista plástico que defendia que no futuro todos teriam direito aos seus 15 minutos de fama. É impossível prever se a sociedade ruma para um individualismo maior do que aquele que já conhecemos. A questão envolve uma diferença mais complexa entre individualismo e individuação, remetendo para possibilidades de uma vivência cultural mais integrada e com os indivíduos articulando, em redes de comunicação, suas possibilidades

¹ Valerie Solanas (1936-1988): Foi uma escritora feminista estadunidense. Parte de seu reconhecimento se atribui ao livro *Scum manifesto*, de 1986. (Nota da *IHU On-Line*)

e, principalmente, necessidades de relações humanas. O máximo do individualismo apresenta-se na sociedade do supérfluo, caracterizada por Gilles Lipovetsky como a sociedade hipermoderna. Lixos como Britney Spears e Paris Hilton originam-se exatamente sobre este conceito de individualismo, que supera qualquer possibilidade de articulação concreta com o humano e seus problemas.

IHU On-Line - No filme, o diretor Denys Arcand causou impacto ao desvincular, parcialmente, o exercício da sexualidade e a manifestação da afetividade. Até que ponto as relações que esboçam este distanciamento são prejudiciais à saúde dos indivíduos?

Larry Antônio Wiezniewsky - O filme situa-se no início do surgimento da epidemia de Aids, que assolaria o mundo. A desvinculação das relações sexuais com os conteúdos do afeto e do compromisso remete à filosofia existencialista, base na qual Arcand busca os seus principais modelos. Os riscos para a saúde física e mental são evidentes. Basta ver a quantidade de drogas, álcool e outros formatos semelhantes que os sujeitos contemporâneos consomem no sentido de integrar ou desintegrar estas pontes destruídas na tentativa de desvincular sistematicamente sexualidade e afetividade. Assim como o LSD, substância fundamental para entendermos os anos 1960, surgiu de uma experiência em que se buscava uma aspirina com gosto menos amargo, o ecstasy, droga essencial para entender-se o século XXI, deriva da busca de um antide-

“O feminismo continua sendo uma das bandeiras mais importantes do período em que vivemos, por mais que a Camille Paglia não concorde”

pressivo de efeitos mais duradouros. O próprio Arcand fez um filme fabuloso sobre este tema chamado *Amor e restos humanos*. Quanto ao resto, mantém-se a mesma perspectiva conflitada dos anos 1950, quando as relações pessoais de Sartre e Simone de Beauvoir sustentavam obras filosóficas maravilhosas e barracos emocionais não menos interessantes. Nesse ponto, acredito que a situação não tenha mudado muito, Eros e Thanatos continuam sua parceria ancestral.

IHU On-Line - E a forma como a mídia trata as relações entre homens e mulheres? Os exemplos contribuem para que se aumentem os confrontos ideológicos entre ambos?

Larry Antônio Wiezniewsky - Dependendo. Todas as facetas das relações entre homens e mulheres estão hoje disponíveis no universo da mídia. Acredito que esta exposição não aumenta necessariamente o conflito, mas também permite às pessoas uma maior variedade de informação para pensarem suas problemáticas individuais. Este é o tema do filme *Três efes*, de Carlos Gerbase, que, como textos literários e, princi-

palmente, cinema, preocupa-se em utilizar como elementos para ampliar a representação desses confrontos. A cultura contemporânea nunca foi tão rica em variedade e, principalmente, em quantidade de objetos estéticos que exemplifiquem inúmeros aspectos do confronto cultural e ideológico da relação homem-mulher.

IHU On-Line - E o qual é o grande diferencial na obra de Arcand, que consegue prender a atenção dos espectadores, transportando alguns deles para a sua própria realidade?

Larry Antônio Wiezniewsky - Utilizando um recurso muito inteligente de montagem intercalada e *flashbacks* estrategicamente colocados em partes fundamentais da narrativa, Arcand faz, em seu filme, uma verdadeira mágica no sentido de transformar o espectador na pessoa que mais conhece sobre a realidade exibida na tela. Isso desaloja os espectadores de uma função meramente de observação para colocá-los como árbitros de uma disputa que oscila entre o simbólico e o real. Esse processo não é feito de forma ostensiva como é o caso de alguns filmes contemporâneos, como, por exemplo, *Desejo e reparação*, filme excelente, mas que engana o espectador em relação àquilo que mostra. Utilizando-se de um critério hegeliano, Arcand faz um filme em que há uma tese, uma antítese e a possibilidade de síntese é repassada ao espectador, que tem um poder de conhecimento e informação superior a todos os personagens representados na tela. É um exercício de intelectualidade que não resulta numa manipulação vazia do ponto de vista de quem narra, muito ao contrário.

“O filme utiliza, de forma muito criativa, recursos simples da produção cinematográfica para montar um quebra-cabeça que divide claramente o universo feminino e o universo masculino, mostrando que o segundo percebe a dimensão do problema, mas prefere escamotear esta percepção com cinismo e auto-indulgência”

Da ingenuidade ao cinismo: o Brasil de Sérgio Bianchi

Filme de Bianchi afirma que domínio e opressão são construídos através de relações de poder que estruturam nosso cotidiano, e que vivemos uma transformação da realidade na qual encontramos sinais de justiça aliados à liberdade, diversidade e dignidade entre pessoas, culturas, religiões

POR BRUNA QUADROS

“N ão seria a própria sociedade brasileira que estaria reduzida à sonolência e a fazer do próprio país uma latrina? Ora, o que o filme mostra é visível todos os dias nas grandes e pequenas cidades. O escândalo flagra a nossa hipocrisia e é ótimo se isso oportuniza o debate ético a que o filme se propõe”, observa o professor Dr. Joe Marçal, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), falando sobre a obra *Cronicamente inviável*, do diretor Sérgio Bianchi. O filme será exibido dia 8 de março, próximo sábado, na sala IG 119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU), durante a programação do evento “Páscoa 2008 - Um grito contra a violência”. Joe Marçal conduzirá um debate com o público ao lado da Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher, da Unisinos.

Joe Marçal é mestre e doutor em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST). Sua tese de doutorado intitula-se *Por uma teologia da imagem em movimento: uma troca de olhar a partir da obra cinematográfica de Andrei A. Tarkovski*, no horizonte da teologia de Paul Tillich. Também é assessor executivo da Secretaria Permanente do Fórum Mundial de Teologia e Libertação.

Confira, a seguir, a entrevista realizada pela IHU On-Line por e-mail com Marçal.

IHU On-Line - Cronicamente inviável é um filme que revela as mazelas do Brasil. Quais as vantagens e desvantagens de “desmascarar” um país tido como “tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”?

Joe Marçal - Sugiro partirmos de outra questão: sobre o que, de fato, o cinema pode revelar. O filme de Bianchi, com facilidade, seria alistado entre os “realistas”, aqueles que mostram as coisas como elas são etc. Penso que é isso que a idéia de “desmascarar” aponta. É mesmo interessante perceber como se tornou comum chamar de realistas filmes que querem mostrar a sociedade por sua violência, pobreza e outras mazelas. Parece que essas coisas são mais reais que a solidariedade e a justiça, por exemplo. Se o filme nos ajudar a perguntar a razão disso, já temos aí uma boa razão para assisti-lo. Ao mesmo tempo, é preciso lem-

brar que o cinema não mostra realidade alguma sem antes construir uma relação com o mundo, com as coisas e com a vida. A escolha de um ponto de vista e um ponto de escuta determina o argumento e o olho da câmera. Creio que é essa relação que importa perceber e refletir. Ora, é evidente que Bianchi fez uma opção por um olhar que proporcionasse o choque com uma visão generalizada em relação ao Brasil como um país de maravilhas e só. Esse choque, porém, é assumido como um desencanto e uma frustração tão generalizada quanto essa outra visão aparentemente ingênua. Por exemplo, há uma cena em que a moça que perdeu a infância em uma carvoaria no interior do Nordeste e se torna a gerente e traficante de crianças conta sobre um relato de sua avó a respeito de como Deus criou o mundo, separando céus e terra para ficar de pé - o que expli-

ca a vegetação retorcida e “amassada” do cerrado. É uma história bonita, que relaciona a noção de criação com o despertar de um Deus dorminhoco. Contudo, na conversa que segue com sua ausência, o comentário é que isso também explica que, uma vez que as árvores no cerrado continuam tortas, Deus só vem ao Brasil para dormir e fazer o que se faz quando acorda, isto é, necessidades fisiológicas (a expressão corrente é “fazer merda”, que embora chula, não há equivalente como uma ação deliberada ao erro com consequências incontornáveis...). Notem, contudo, que são sentidos contrastantes - da ingenuidade ao cinismo. Essa passagem direta acentua a inviabilidade social que o filme declara crônica no Brasil. Mas nós podemos nos perguntar também por que o escândalo não se dá em relação às nossas próprias expectativas e atitudes nessa dinâmica

social. Não seria a própria sociedade brasileira que estaria reduzida à sonolência e a fazer do próprio país uma latrina? Ora, o que o filme mostra é visível todos os dias nas grandes e pequenas cidades. O escândalo flagra a nossa hipocrisia e se isso oportuniza o debate ético a que o filme se propõe, ótimo. Mas desde que evitando um cinismo irmão gêmeo da ingenuidade que o filme também quer criticar.

IHU On-Line - Em que medida Cronicamente inviável contribui para alertar a sociedade brasileira, acerca do quadro que se divide em dominantes e oprimidos?

Joe Marçal - No mínimo, o filme torna mais complexa a questão, desviando de rótulos estanques e salientando que domínio e opressão são construídas através de relações de poder que fazem nosso cotidiano. Não me parece, porém, que o filme tem uma intenção clara a esse respeito, de distinguir e elaborar uma leitura da questão. Mais enfático é o recado de que em toda e qualquer condição social cada um e cada uma quer cuidar mesmo é de garantir o seu quinhão. Isso poderia nos fazer refletir em como a noção dominante-oprimido nos ajuda a entender a sociedade hoje. É interessante lembrar a parte da entrevista da sulista que se passa durante o filme, quando diz que “a liberdade de consumo foi a única que deu certo”. Ela tem razão do ponto de vista ideológico, que é - para bem ou mal - o mais efetivo da sociedade, em termos de princípio de organização. Isso porque a divisão do quadro entre dominantes e oprimidos em nosso contexto é muito sutil e, inclusive, pode mudar conforme a esfera social em que se está. Ocorre Hannah Arendt em suas reflexões sobre liberdade, quando destaca o papel ilusionista, ou ideológico, que essa noção exerce em nossa sociedade. A liberdade de consumo é uma ilusão de liberdade muito eficiente nesse sentido porque nos ajuda a conviver com o absurdo colonialismo em qual vivemos em nosso tempo, e de modo tão passível. Porém, o filme deixa a desejar quanto a uma reflexão mais profunda da questão, o que é sintomático, considerando a via crítica que opta, a do

“A inviabilidade crônica foi inventada por nós, seres humanos, quando criamos a bomba atômica. A possibilidade de inviabilizar a vida de ecossistemas, sociedades e culturas parece não ser coerente com o princípio auto-organizativo desses sistemas”

cinismo. E não o digo como escola filosófica, mas como forma de antipatia individualista mesmo. A resposta não é simples e deve ser elaborada por nós, espectadores e espectadoras. Nós continuamos vivendo com uma realidade cuja responsabilidade é nossa e de ninguém mais. E no cotidiano não tem diretor que decide enquadramentos.

IHU On-Line - Outro título reservado para o filme Cronicamente inviável foi “Eu não tenho culpa”. Neste sentido, a quem cabe a responsabilidade de acabar com as diferenças, sejam elas sociais ou raciais?
Joe Marçal - Não sabia que o filme poderia ter ganhado esse título, mas acho que faria muito jus à obra, porque ela revela seu ponto fraco, a culpa. O “x” da questão é justamente passar de uma perspectiva de culpa para a responsabilidade. A culpa é pouco ou nada construtiva. Mas também não concordo com responsabilidade de acabar com diferenças, e sim o contrário. Responsabilizar-se pelas

diferenças e manter-se responsável diante delas. Não há vida sem diferenças e a sociedade, enquanto projeto harmonizador da vida em uma comunidade perfeita e “limpa”, criou as piores guerras vividas pela humanidade. A quem cabe essa responsabilidade pelas diferenças? A toda a sociedade, e todos e todas aquelas que pertençam a esse conjunto de diferenças que fazem uma sociedade ser o que ela é.

IHU On-Line - No papel de cidadão brasileiro, você acredita que o Brasil seja um país cronicamente inviável? Acrise social que assola o país tem solução?

Joe Marçal - A inviabilidade crônica foi inventada por nós, seres humanos, quando criamos a bomba atômica. A possibilidade de inviabilizar a vida de ecossistemas, sociedades e culturas parece não ser coerente com o princípio auto-organizativo desses sistemas. E isso, basicamente, porque, ao compartilharmos a vida, nós acreditamos uns nos outros, e não posso deixar de acreditar em mim e em você. Modelos de relação, de produção, de conhecimento e todas essas atividades que fazem o dia-a-dia é que mudam ou mesmo encontram seus limites. A própria ótica da cidadania já é um convite para uma outra ordem de relação e organização social. Voltando ao filme, eu diria que ele é um bom exemplo de um olhar cansado a respeito da viabilidade de um determinado Brasil, mais identificado com as expectativas de uma classe média que, ao final dos anos 1990, vivia plena frustração. É verdade que a frustração permanece e até alcançou as camadas populares durante o atual governo, o que poderia ser tomado como algo que testifica um mal crônico. Mas talvez haja nisso tudo uma inversão esperançosa, de que soluções deverão ser gestadas pela sociedade numa organização mais ampla e participativa. A crise em que vivemos é de modelo não do país, ou da nação. Prefiro entender, portanto, que vivemos uma transformação, cuja visibilidade temos de buscar nos enquadramentos da realidade em que encontramos sinais de justiça aliados à liberdade, diversidade e dignidade entre pessoas, culturas, religiões, ecossistemas... a Vida.

IHU Repórter

Marcelo Souza Guimarães

Há 10 anos, Izaque Bauer trocou o interior do Estado pelo município Antes de ser alfabetizado, Marcelo Souza Guimarães, 23 anos, já demonstrava interesse e intimidade com lápis e papéis. O desenho estava entre suas preferências, e a inspiração vinha de filmes. O mais interessante é que Marcelo desenhava o inusitado. Ao contrário de seus colegas de classe, que esboçavam imagens de super-heróis, ele traçava cenas bíblicas. Uma de suas artes, Jesus sendo crucificado, chegou à final em um concurso de desenhos promovido pela escola. Estudante de Educação Física, na Unisinos, ele começou a trabalhar na universidade há seis meses. Em entrevista à revista IHU On-Line, Marcelo relatou as marcas de sua trajetória até agora. Confira, a seguir, a entrevista.



Origens e família - Eu nasci em Porto Alegre, em 5 de fevereiro de 1984. Quando eu nasci, meus pais eram bem novos. Minha mãe, era estudante, tinha 18 anos e meu pai, militar, 22 anos. Eles mantêm o casamento até hoje, apesar de enfrentar muitas dificuldades, por terem a responsabilidade de assumir um filho, ainda muito jovens. Sou filho único, mas sempre tive muitos primos. Esta foi uma maneira que encontrei para compensar a falta de irmãos. Honestidade, simplicidade e sempre procurar ajudar as pessoas foram os valores que os meus pais me passaram, além de ter a perseverança de crescer e ser alguém na vida.

Infância - Eu morava no bairro Sarandi, em Porto Alegre, em frente à Escola Ciem. E eu acabava brincando com as crianças do colégio, também. Nunca gostei de jogar futebol, mas gostava de brincar de pega-pega, de pular corda, de esconde-esconde. Comecei a gostar muito de lutas, porque, na época, Jaspion e Jiraya eram os super-heróis do

momento e me inspirei no filme Karatê kid, e também nos filmes do Bruce Lee e Van Damme. Eu também gostava muito de brincar com iô-iô. Quando eu estava com 10 anos, teve a febre de jogar peão. Uma das coisas que mais me marcou foi aprender a andar de bicicleta. Desde os quatro anos, eu já andava em bicicleta com adultos. Para mim, aprender a andar sozinho era uma questão de honra. E eu aprendi. Com cinco anos, ganhei minha primeira bicicleta.

Estudos - Antes de ser alfabetizado, eu já me interessava por desenhos e letras. Sempre quis aprender a escrever o meu nome. E desenhava igrejas, padres e Jesus, que, para mim, era tudo. Este fascínio veio dos filmes que eu assistia. Certa vez, aconteceu um campeonato de desenho na escola, e o meu desenho chegou a ir para as finais, porque eu desenhava Jesus Cristo sendo crucificado. Isso foi um diferencial muito grande, porque as outras crianças só desenhavam super-heróis. Eu me saía bem nos estudos, só não gostava de matemática.

Da pré-escola à 1ª série, eu estudei no Colégio Luterano, no bairro Sarandi. Da 2ª à 4ª série, eu estudei no Colégio Major Miguel Pereira, no Sarandi também. E da 5ª até o término do 2º Grau técnico em Administração, estudei no Colégio Luterano Concórdia, em Canoas.

Mudança - Em 1995, ocorreu uma grande mudança na minha vida. Saímos de Porto Alegre e fomos morar em Canoas, porque como o meu pai era militar, tivemos a oportunidade de ir morar na Vila Militar do município, onde havia mais segurança.

Adolescência - Com 12 anos, dei um pulo da infância para a adolescência. Eu gostava de ir à Igreja com a minha mãe. Um dia, me interessei em participar do grupo de jovens, porque eu gostava muito de vê-los cantando e tocando violão. Quando cheguei ao grupo, tive uma recepção muito boa e fiz muitas amizades. Ia à Igreja, tocava, fazia retiros e excursões com o grupo de jovens. Dos 13 aos 15 anos, eu fiquei no grupo de base da